Caixa de Pont[o]

Jornal Brasileiro de Teatro

[n. 15]
outono -inverno
2025
ISSN 2446-567

• afonso n. souza • amilcar neves • andré francisco • ângela finardi • chico faganello • clarice siewert • cudo • denize gonzaga • dinovaldo gilioli • eduardo silveira • elaine sallas • iur gomez • jéferson dantas • luana raiter • marcos laffin • nini beltrame • pedro bennaton • prika lourenço • raúl fitipaldi • rubens da cunha • silvestre ferreira • sulanger bavaresco • valdir rocha • vera collaço • vinícius alves •

Editorial

Esta edição não era pra ter existido. Ao menos não sem o Marco. Mas o triste destino quis que nos reuníssemos para editar este penúltimo volume. O acaso nos uniu nessa empreitada, mas muito por causa da sensibilidade do deputado federal Pedro Uczai, que nos contemplou, por meio da Fecate, com emenda parlamentar de seu gabinete. Nada mais justo então que honrar este reconhecimento e ao Marco, que foi sempre quem mais se esforçou para tornar este jornal uma realidade. Fazedor cultural que sempre escreveu sobre o trabalho alheio, agora ele terá um merecido destaque neste que era seu projeto pessoal mais desafiador e longevo e que, ao completar dez anos, será encerrado com apenas mais uma edição. Estão reunidos aqui textos afetivos e que trazem lembranças ou percepções deste personagem que escolheu a Ilha pra morar e pescar. Alguém pode ficar chateado ou reclamar que não foi chamado. Se Marco tivesse vivo, falaria (com a sinceridade que lhe era comum) pra pessoa fazer o jornal dela e colocar quem ela quiser. É evidente (jargão que sempre estava presente em seus escritos) que não houve espaço para todos. Mas nossa justificativa (não que não damos razão a ele, de certo modo) é que escolhemos pessoas que trabalharam e se divertiram com ele, o iniciaram na carreira teatral, dividiram a rotina diária, a militância, compartilharam afetos e arte, que foram seus orientadores, ouvintes e amigos próximos. Pessoas que conviveram com Marco nos últimos anos. Talvez por isso surgiram muitos textos que enfatizaram a importância da pesca e do mar na vida dele, apesar de termos sugerido outros caminhos de escrita. Já que outros caminhos ele também resolveu trilhar, resta-nos, apesar da saudade, comemorar sua trajetória e todos os feitos que ainda reverberam entre nós. Agradecemos a todos que se dedicaram a esta empreitada e a todos que colaboraram direta e indiretamente para que esta edição fosse realizada. Boa leitura! Evoé!

Execução

FECATE

Realização

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES funarte 50 ANOS

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

O Projeto Rosa dos Ventos - Formação para o teatro catarinense tem execução da Fecate e realização da Fundação Nacional das Artes - Funarte e Governo Federal, Instrumento TRANSFEREGOV. BR Nº 965959/2024

Expediente

Editores
Denize Gonzaga
Iur Gomez
Rubens da Cunha

Diagramador
Iur Gomez

Revisora
Denize Gonzaga

Ilustradora
Aline Galo

Capa desta edição
Maurício Magagnin

Colaboradores desta edição
Afonso N. Souza
Amilcar Neves
André Francisco
Ângela Finardi
Chico Faganello
Clarice Steil Siewert
Denize Gonzaga
Dino Giglioli
Eduardo Silveira
Elaine Sallas
Iur Gomez
Jéferson Slveira Dantas
Luana Raiter
Luiz Henrique Cudo
Marcos Laffin
Nini Beltrame
Pedro Bennaton
Prika Lourenço
Raúl Fitipaldi
Rubens da Cunha
Silvestre Ferreira
Sulanger Bavaresco
Valdir Rocha
Vera Colaço
Vinícius Alves

Contato
www.caixadeponto.wix.com/site
caixadeponto@gmail.com

Os textos assinados
são de responsabilidade dos autores.

1.000 exemplares impressos por

Tipotil Indústria Gráfica

Um recorte de memória: o poeta-pescador

Clarice Steil Siewert

Enfant terrible. Assim Marco foi intitulado em sua juventude e, com essa marca, talhou à faca sua passagem por aqui. Poeta, crítico teatral, ativista, pescador. Amava o mar, a poesia, o teatro, um bom vinho e as anchovas (porque são peixes que brigam). Marco também amava seus amigos e as lutas diárias por um mundo mais justo.

Colérico, ácido, intenso para tudo. Cultivou inimizades, discussões, paixões, laços profundos. Dizia que depois que morre, qualquer um vira santo. Marco nunca quis ser santo. Muito pelo contrário. Fazia questão de ser atravessado. Mas aqui, entre os vivos, só nos resta o recorte de nossas memórias. E eu escolho contar do Marco-poeta-pescador que ia pescar no costão.

Nessas horas, o silêncio fazia a frente e via-se somente um menino que queria tirar peixe da água. Contrastando com sua existência ruidosa, diante do mar, escutava as marés.

As trilhas mata adentro que percorria para chegar nas pedras iam ganhando os nomes dos pássaros e das histórias dos pescadores que também passavam por ali. Histórias de quem morreu no mar, de quem se salvou, de quem teve pescarias memoráveis, de quem pegou peixes inacreditáveis, quem eram os mestres e sábios da terra e do mar. Ele mesmo com histórias incríveis, em que era o personagem principal, herói de uma vivência homem-mar. Criador do próprio alimento.

E Marco seguia falando dos tipos de iscas, dos cuidados na pedra, dos tipos de pesca e, principalmente, dos peixes. Como cada um se comportava, brigava, enganava o pescador.

Mas depois que o anzol estava no mar, era silêncio. Horas de observação, espera, briga e salvação. E, ao vencer essa batalha, o sorriso, raro, era sincero.

Depois eram horas de narrativas, e o peixe ia para o forno, e os temperos e segredos culinários reinavam. Marco também cozinhava e deliciava seus amigos com pratos incríveis, e falava do privilégio que era comer um peixe fresco. Marco voltou para o mar. Ficou por lá.

Em nossos encontros, cultivamos poesia. Escrevia pra ele, ele escrevia pra mim…

Marco viveu como quem sabe que morre. E morreu como quem sabe fazer poesia. Em suas palavras, "quando eu morrer, e isso acontecerá, uma força vital se esgarçará, pois, acima de qualquer coisa, tenho uma força de vida que me faz lutar, resistir e enfrentar o mundo. Mais importante que ter uma vida longa, pelo menos pra mim, é ter uma vida grande. E uma vida grande exige coragem, força e morte. Se tivesse que dizer mais sobre a minha escrita, diria apenas que faço literatura de impacto e que tenho vertigem de literatura dócil".

Marco, presente!

[Clarice Steil Siewert, atriz da *Dionisos Teatro*, Joinville, SC]

Marco em uma de suas pescarias no costão da Praia da Joaquina, Florianópolis, SC, out. 2018 / Crédito Rubens da Cunha.

Um Marco, muitos feitos, uma mudança

Denize Gonzaga

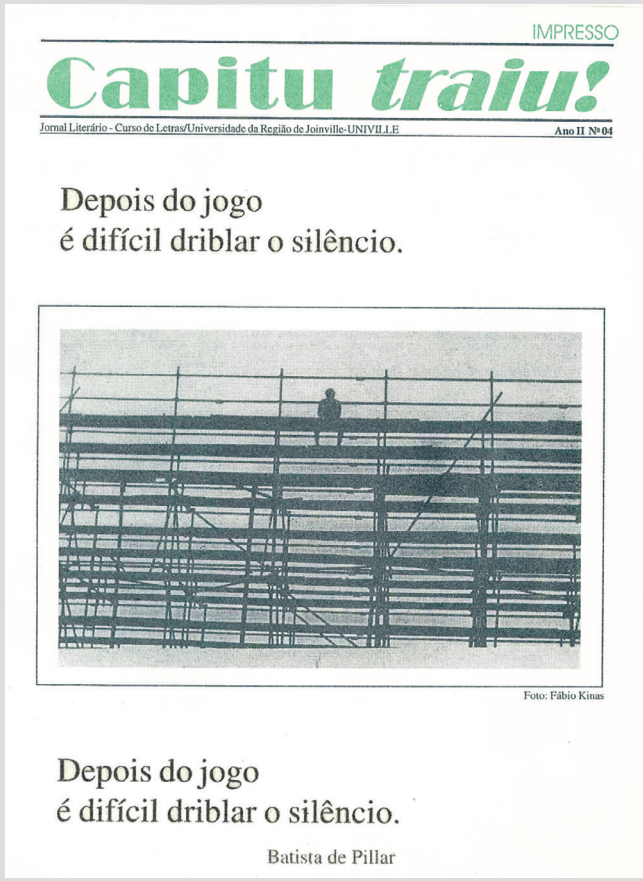
Apressado, Marco tratou logo de vir ao mundo no primeiro dia de janeiro. Era 1974, ano bastante significativo para a volta da democracia no país. Nasceu em trânsito, numa visita da família aos parentes do pai, em Estância Velha (RS), e, com apenas dois anos, ao que se sabe, foi para Imbituba. Morou em Guaiúba, um dos bairros em que o trilho do trem se faz presente e local onde Piala, seu avô materno, agricultor e pescador, tinha um sítio. Do mesmo modo que a maria fumaça, Marco era bastante notado por onde passava. Para muitas pessoas, inclusive, ele fazia questão de ser visto.

Dos primeiros anos de vida, não temos muita informação. Marco não costumava falar muito de sua tenra infância. Somente comentava do quanto gostava das pescarias com seu avô e das muitas peripécias que faziam sua mãe ficar de cabelo em pé.

Nos anos oitenta, em busca de oportunidades de trabalho, sua família escolheu Joinville para uma nova morada. Marco sempre afirmou que foi a cidade que mais o odiou. Quando tinha em torno de uma década de vida, precisou ajudar no sustento da casa vendendo picolés e tapetes costurados por sua mãe com retalhos descartados pela indústria têxtil. Seus primeiros trabalhos, dos quais ele nunca teve vergonha, eram mais voltados à prestação de serviço. Foi balconista (imagina-se que na maioridade) em uma lanchonete na rodoviária da cidade — lugar em que, por acaso, ocorreu um evento que mudaria os rumos da sua vida — e foi operário de fábrica da Embraco, empresa que fornece equipamentos para a conhecida Cônsul.

Ainda na Cidade das Flores, em 1996, cursou por dois anos a Faculdade de Letras na Universidade da Região de Joinville - Univille, porém não a concluiu. Mas isso não o impediu de dar aulas de literatura e de ter criado e editado o jornal de arte e literatura *Capitu* traiu! com o escritor Marcos Alqueire, que teve apenas quatro números publicados.

No mesmo ano, entrou para o Grupo de Teatro da Univille, à época, dirigido pelo professor, ator e diretor Silvestre Ferreira. Atuou em vários espetáculos, foi diretor, sonoplasta e, em 1997, participou da fundação da *Dionisos Teatro*, que, hoje, figura como uma das principais companhias de teatro de Santa Catarina. Neste mesmo ano, o grupo *Quê de Teatro*, dirigido por ele, encenou a peça Soldados, com texto seu (poema "Monólogo da Sombra" e "Um soldado", do livro *Cão no Claustro*) e de autores consagrados, no auditório do Colégio Osvaldo Aranha. Um ano depois, fundou o grupo *Voz-es de Teatro*, por meio do qual dirigiu espetáculos como *Vírgula da Vida ou Monólogo Coletivo* — com alunos secundaristas de 17 e 18 anos do Colégio Olavo Bilac (bairro Pirabeiraba); *Quatro Traços de*


IMPRESSO

Capitu traiu!

Jornal Literário - Curso de Letras/Universidade da Região de Joinville-UNIVILLE Ano II Nº 04

Depois do jogo
é difícil driblar o silêncio.

Foto: Fábio Kinas

Depois do jogo
é difícil driblar o silêncio.

Batista de Pillar

Cartaz do jornal de arte e literatura *Capitu* traiu!, criado e editado com o escritor Marcos Alqueire, Joinville, SC, 1996-1997. Acervo pessoal.

Vida; com destaque para a montagem de *Valsa n.6*, de Nelson Rodrigues, espetáculo apresentado na Escola Agrícola Carlos Heins Funke (Pirabeiraba) que ficou em cartaz até os anos 2000 e teve a atriz joinvilense Paula Carina Kornatzk no papel de Sônia.

Assim, iniciou no teatro e nunca mais parou. Tentou ir para a cena, mas confessava que atuar não era seu dom (dizia-se um péssimo ator). Assim, passou a dirigir alguns espetáculos. A dificuldade em manter uma companhia de teatro, entretanto, o levou à pesquisa e depois à crítica.

Este mesmo 2000 foi o ano em que se mudou para Florianópolis (SC), cidade em que morou até o seu desaparecimento, no mar, em 9 de dezembro de 2023. Na capital de Santa Catarina, foram inúmeras as suas atuações e atividades. Cursou Filosofia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), desta vez concluindo em 2008; fez mestrado em Teatro pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e doutorado também em Teatro, pelo mesmo programa. Estudou em ambos o multiartista Flávio de Carvalho, se debruçando sobre suas práticas e ideias teatrais e sobre as "experiências efetivadas [...] pensadas enquanto manifestações corpóreas em exercício de uma experiência", respectivamente.

Para além do meio acadêmico (por muito tempo negado por ele), ocupou cargos públicos, como o de coordenador de artes da Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, ficando depois responsável pelo setor de comunicação (FCFFC, 2005); de diretor de cultura da Fundação Catarinense de Cultura (FCC, 2005-2007); de gerente de políticas culturais da Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte (SOL, 2008-2010); de consultor de projetos especiais da Fundação Catarinense de Cultura (FCC, 2011-2014 e 2017-2018), além de conselheiro estadual de cultura escolhido pelo governo (CEC, 2010) e conselheiro municipal de políticas culturais escolhido pela sociedade civil para ocupar a cadeira de teatro (2019-2021), tendo sido reconduzido.

Do mesmo modo, foi coordenador da Mostra de Dança de Florianópolis; do projeto "Terça com Poesia" (Teatro da UBRO); do Festival Nacional de Teatro Isnard Azevedo (3 edições); da Galeria Municipal de Artes de Florianópolis; e presidente da Comissão Permanente de Cultura, todos entre 2005 e 2007. Foi vice-presidente da União Brasileira de Escritores (2007, com o escritor Amilcar Neves); escreveu críticas e crônicas semanais no jornal *Notícias do Dia* (2011-2014); colaborou na revista *Agulha* (SP); foi editor do jornal *Ô Catarina!* (2013-2018); do *Caixa de Pont[o]* – jornal brasileiro de teatro (2015-2023, com Rubens da Cunha); da *Revista Osíris* (2011-2015, *on-line*, com Rubens da Cunha); da Redoma Editora; foi convidado para ser jurado no Concurso Literário Conto e de Poesia do SINERGIA (8ª e 9ª edições - 2014 e 2016); produziu o *Primeiro Caderno*, publicação do Festival Isnard Azevedo (2019); foi apresentador dos programas "JTT – Manhã com Dignidade - Cultura" e "Cismos de Arquipélagos" (ao vivo), além de colunista do "Arte e Existência", todos pelo Portal Desacato. Foi também bolsista da UFSC, debatedor em uma dezena de festivais de teatro Brasil afora, produtor cultural, crítico literário, *ghost writer*, professor de redação/português e consultor na elaboração de projetos culturais voltados a leis de incentivo e editais. Em 2022, o convidaram para fazer a seleção estadual de dez espetáculos para compor o catálogo da Quadrienal de Praga, o maior evento do mundo dedicado à cenografia, ao design de cena e à performance teatral, que acontece na capital da República Tcheca e, no ano seguinte, para escrever a dramaturgia da peça *Mestres do Tempo*, da *Metamorfose Cia. Cênica*, de Joinville/SC. Como agitador cultural, montou bibliotecas comunitárias no bairro Córrego Grande, em Florianópolis, e ajudou a produzir o espetáculo "Renascer das Cinzas", no Teatro Pedro Ivo, em Florianópolis, em prol da reconstrução da casa do multiartista Severo Cruz, além de outros espetáculos teatrais, como o de Marisa Orth e do ator Marcello Airoldi. Como trabalhador da cultura, sua última atuação na luta pelas políticas públicas foi como conselheiro estadual de cultura escolhido pela sociedade civil para a cadeira de teatro, mandato que não chegou a completar (2023-).

Uma das coisas que mais impressionava era essa sua motivação em estar sempre inventando algo, na maioria das vezes envolvendo seus amigos e parceiros, que tinham ("é evidente!") que cair de cabeça nas suas ideias, mesmo que justificassem que não tinham tempo. O tempo do Marco era outro. Não era o da calmaria do mar. Era mais o tempo de um furacão que ia atropelando tudo e todos. Enquanto ele não via o projeto pronto, não sossegava. A equipe do *Caixa de Pont[o]* que o diga.

Admirador, entre outros, de Clarice Lispector, C. Ronald, Pagu, Baudelaire, Cecília Meireles, Cruz e Sousa, Cervantes, Patrícia Claudine Hoffmann, Vinicius de Moraes, Ramone Abreu Amado, Pablo Neruda e Selva Ca-

sal, não se considerava um poeta genial, e disso sempre falava, mas dizia que teria um cantinho reservado à sua voz na literatura do país. Despertou para a literatura após um cliente ter esquecido uma coletânea de poesias do escritor francês Paul Éluard na lanchonete onde trabalhava, em Joinville. Depois disso, devorou Drummond, Graciliano Ramos, Machado de Assis... Lima Barreto, e seu *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, era um de seus preferidos, talvez pelas similaridades da vida: perda de ente querido (seu pai morreu precocemente, vítima de acidente de trânsito); gosto excessivo pelo álcool; trabalho no funcionalismo público e como colunista; dificuldade em ser reconhecido, desgosto por datas como o Natal; disposição em meter o dedo na ferida alheia; ironia e acidez peculiares; caligrafia ruim; morte precoce; criação de seu próprio jornal com amigos(as) e trabalho como cronista e contista. No cinema, tinha verdadeira afeição, entre outros, por Charlie Chaplin, Tatiana Huezo Sánchez, Alejandro Jodorowsky, Lars von Trier e David Lynch; nas artes, Egon Schiele, Raquel Stolf, Fernando Lindote, Letícia Cardoso, Valdir Rocha, Juliana Hoffmann, Rodrigo Cunha, Carol Silva, Sergio Adriano, Bárbara Bublitz; na música, Belle & Sebastian, Radiohead, Nina Simone, Dream Theater, Cat Power, Chico Buarque, Titãs, Maria Gadú, The Smiths, Caetano, Zélia Duncan, Barão Vermelho ("Por que a gente é assim?", com letra de Frejat, Ezequiel Neves e Cazuza, era uma de suas preferidas, principalmente quando estava mais pra lá do que pra cá e já tinha tomado suas doses finais de Campari).

Marco com camiseta da Aline Valim, pseudônimo idealizado por ele, Centro Integrado de Cultura (CIC), ca [2008], Florianópolis, SC / Acervo pessoal.

Engraçado, durão, determinado, teimoso, inteligente, egoico, agitado, irreverente e sensível, Marco era tudo isso, às vezes num único dia. Não à toa, publicou 14 edições do *Caixa de Pont[o]* – jornal brasileiro de teatro (independente); 15 edições do jornal *Ô Catarina!* (FCC); 25 livros e fez mais de 50 entrevistas com escritores/as, críticos/as, atores/atrizes, dramaturgos/as, artistas e teóricos/as brasileiros/as etc., publicadas nos jornais *A Notícia*, *Diário Catarinense*, *Ô Catarina!*, *Caixa de Pont[o]* e *Rascunho*. Fez tudo isso porque, entre outros motivos, "olhar os pares, colegas, companheiros de viagem é o único método para combater o pensamento colonial".[1]

Suas obras passeavam pela poesia (gênero que iniciou na literatura com *Cão no Claustro*, aos 28 anos), pela crônica, pelo conto, pela biografia. Os títulos eram quase sempre inusitados – a criatividade na sua criação era orgulho do qual ele gostava de demonstrar. Um romance, haicais e contos ficaram por ser publicados.

A rua, a cidade e as pessoas eram material humano para seus escritos literários. Por isso, fazia questão de frequentar os bares do Córrego Grande, bairro em que morou por mais de dez anos. No Mesinha, no Bar do + Arroz e no bar ao lado do Centro de Saúde, ouvia histórias que foram motor para suas crônicas e contos. Fazia questão também de ir a exposições, lançamentos de livros, peças de teatro. Uma de suas reclamações (ele nunca cansou de enfatizar) era de que não via gente do teatro no teatro.

Como ser pensante e criativo, "criava mundos", atitude denominada assim por seu amigo e roteirista/documentarista Iur Gomez. Algumas de suas histórias, a depender para quem as contava, tinham versões completamente diferentes. Podemos acreditar que era um modo de sobrevivência ao que não conseguia encarar e que, assim, com várias versões e misturando-as, nenhuma delas seria mais a verdadeira. Ou que, como pescador, sempre aumentava os feitos. Às vezes essas duas versões se misturavam.

O fato é que a vida pra ele não foi muito fácil. Sofria a morte precoce do pai e dos seus gatos Kafka, Virgínia, Thomas e Fúria. Sofria muito a perda de um amigo

[1] LANÇAMENTO de livros marcado por encontro de artistas catarinenses. *Notícias do Dia*. Caderno Plural, 15 ago. 2022.

de infância, vítima de atropelamento (o conto "Primeira Fratura", publicado em *Harmonias do Inferno*, seu primeiro livro de contos, fala dessa perda). Sofria também com as injustiças e mazelas do mundo (*Anatomia da Pedra & Tsunamis* nasceu da reverberação da tragédia que acometeu o Haiti em 2010). Sobre estas e outras histórias, escrevia.

Com suas escritas-denúncia sobre o que o rodeava e o incomodava, Rubens da Cunha acredita que ele queria que o leitor se posicionasse "mais como um parceiro nessa luta do que como espectador".[2] Aliás, se posicionar era uma das coisas que mais Marco fazia, seja nas redes, seja pelos bares. Quase tudo o indignava, principalmente o que violasse a liberdade humana e a justiça social.

Tal indignação não o privou de, à época da pandemia da Covid-19, ter passado por instabilidade financeira, o que já o pairava há alguns anos. Como não tinha outra fonte de sustento, foi "condenado a viver do que [pescar]".[3] Vendia tanto o peixe quanto o prato, criado e intitulado por ele de "Bruxaria do Vasques", porque, claro, quase tudo tinha que ter um toque de criatividade e sarcasmo. Pescava praticamente todos os dias, atividade que o tirava da depressão e também lhe dava subsistência num momento no qual a cultura e as artes foram das áreas mais afetadas pela crise sanitária.

Anos antes de ter desaparecido no mar e querendo menos confusão, Marco admitia para si e para os seus ter sido um mau crítico, com problemas conceituais sobre a tarefa do teatro e da arte, pois, a seu ver, não avaliava todo o processo do fazer teatral, mas somente o resultado final, no palco. Ter sido um crítico malquerido nos idos, acreditamos, de 2009, 2010 foi consequência de suas críticas ácidas, tecidas com seus pseudônimos Sarah Kaine e Aline Valim, o que sempre negou nos bastidores. O que poucos sabem é que Vittorio Brausen também foi um de seus pseudônimos, este criado com o escritor e amigo Rubens da Cunha. Não se tem conhecimento do motivo de tê-lo criado e não ter dado continuidade nos pseudoescritos. Nominado educador e escritor residente em Florianópolis, ao que se sabe, Vittorio teve apenas uma dramaturgia oficialmente publicada no *Caixa de Pont[o]* – jornal brasileiro de teatro, mais especificamente na edição n. 13, 2021-2022. De acordo com Rubens, Vittorio é um personagem de Hilda Hilst e Brausen, de Juan Carlos Onetti.

Ao longo do tempo, portanto, já não mais tão fervoroso, convenceu-se também de que cada um oferece a literatura e arte que pode e por isso colocava mais energia em suas próprias produções, perdendo a "flama" de julgar trabalhos alheios, como manifestou em seu Facebook. Uma coisa, entretanto, não deixou de lado: as críticas às instituições públicas culturais; à burocracia; às injustiças dos editais culturais; à política de gabinete; aos favorecimentos político-ideológicos nas artes, coisas que o ator-

Peça *Chulos*, Festival Isnard Azevedo, rua Hercílio Luz, Florianópolis, SC, set. 2019 / Crédito Tóia Oliveira.

mentaram bastante nos últimos anos. Fazia isso com mais veemência quando não estava ocupando um cargo público.

Estava certo quando dizia que todos deixam suas marcas nas outras pessoas, mas não o estava em dizer que, quando morresse, seria melhor do que era. Já estava sendo um pouco melhor, antes de o mar abraçá-lo. Entende-se que ele gostava de sustentar seu personagem arrogante e que seguia o pensamento de Clarice Lispector de que "cortar os próprios defeitos pode ser perigoso". Mas mesmo assim muitas pessoas notaram uma mudança e ficaram muito felizes. Aquele Marco tinhoso, teimoso e mandão já não era mais o mesmo... e faz falta!

[2] Disponível em: https://fundacaoculturalbadesc.com/blog/outros-eventos/literatura/lancamento-do-livro-anatomia-da-pedra-tsunamis/. Acesso em: 6 maio 2025.
[3] Em referência à música do cantor Djavan, *Alagoas*, gravada em álbum homônimo (1978).

[Denize Gonzaga, historiadora, museóloga, produtora cultural e revisora textual, Florianópolis, SC]

A artesania do poeta-editor

Rubens da Cunha

"Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.

Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, do tempo presente, os homens presentes,
a vida presente."

Abro esse texto com "Mãos dadas", poema antológico de Carlos Drummond de Andrade, porque sempre vi o Marco nele. Marco sempre esteve preso à vida, olhou seus companheiros e nutriu com eles momentos taciturnos e grandes esperanças. Artisticamente, podemos pensá-lo como um escritor. No entanto, o que me interessa aqui é pensar o lado artesanal do Marco, o lado fazedor, que é onde ele mais se desdobrou: gestor cultural, diretor e crítico teatral, conselheiro de cultura, pescador, cozinheiro, professor, ensaísta e, sobretudo, editor.

A etimologia da palavra "editar" nos leva à ideia de proclamar, lançar à luz, expor algo que até então estava escondido. Ser editor, portanto, era uma das maiores esperanças de Marco Vasques e foi nutrida durante anos com uma série de publicações. Como era comum, Marco não se resumiu ao sentido mais explícito dessa atividade. Ele era um organizador, um aglutinador de textos, poemas, entrevistas, depoimentos. Mais que editor, Marco era um fazedor.

Entre 2006 e 2010, foram publicados os três volumes da série Diálogos com a literatura brasileira, todos pela Editora da UFSC. Os três volumes, lançados respectivamente em 2006, 2007 e 2010, contam com 56 entrevistas com escritores de diversas gerações. Marco concentra-se em escritores do sul do Brasil e faz um mapeamento considerável, entrevistando desde quem já tinha uma longa carreira estabelecida, premiada, até escritores muito jovens, no começo da jornada. Sua escuta entrevistadora era profunda, interessada, buscava meandros, dentros, queria saber de processos criativos e das ideias de cada escritor.

Por estar preso à vida e olhar seus companheiros, em 2011, lançou a antologia *Moradas de Orfeu*, na qual reuniu 59 poetas dos três estados do Sul. Trata-se de um volume único, com mais de 600 páginas, editado pela Letras Contemporâneas. Esse livro revela o esforço fazedor e organizador de Marco Vasques, que leu a obra de 59 poetas, selecionou os poemas, organizou toda a parte burocrática que demanda uma antologia desse porte. Com isso, juntamente com os três livros de entrevistas, mapeou de forma bastante aprofundada a produção literária que estava acontecendo na primeira década do século XXI, no sul do Brasil. Como uma espécie de nota de rodapé, ou curiosidades de bastidores, a antologia deveria ter 60 poetas, 20 de cada estado; no entanto, o desejo de um número redondo não pode ser cumprido porque alguém do Paraná quis se retirar da antologia. Lembro que isso causou muita irritação no Marco, que, por algumas semanas, desobedeceu ao poema de Drummond e se tornou, contra a vontade, o poeta de um mundo caduco.

Paralelamente à organização e ao lançamento de *Moradas de Orfeu*, também organizou o *Dossiê Osíris* volume 1, sobre a obra de Péricles Prade. Foi nesse momento que passei a auxiliá-lo nos processos de edição e organização das publicações. Também iniciamos uma parceria escrevendo juntos críticas teatrais e nos voltamos mais para os assuntos do teatro. Entre 2011 e 2015, publicamos online críticas e entrevistas na *Revista Osíris* (https://revistaosiris.wordpress.com/). Desse trabalho, resultou outra coletânea chamada *Teatrodentro* – manifestos e críticas teatrais, dessa vez publicado pela FCC Edições, em 2016.

Foi a partir desse olhar mais voltado para o teatro que surgiu no Marco o desejo de fazer um jornal especializado em artes cênicas. Eis que nasce o *Caixa de Pont[o]* – jornal brasileiro de teatro (https://caixadeponto.wixsite.com/site). Esse, talvez, tenha se constituído o maior projeto do fazedor Marco Vasques. Entre 2015 e 2022, foram publicados online e impressos 14 números do *Caixa de pont[o]*, de forma totalmente independente. Esses volumes só existem por causa de uma das características mais marcantes do Vasques: a teimosia. Esses jornais nasceram sempre na

Capa da edição n. 7 do *Caixa de Pont[o]* - jornal brasileiro de teatro, out. 2018 / Acervo do jornal.

unha, sobretudo naquele período a que chamo "anos-buraco", entre 2018 e 2021. Esses números só existem, com a qualidade que existem, porque Marco quis e liderou seus amigos nessa empreitada. O *Caixa de Pont[o]* lhe consumiu muita energia, mas era seu projeto mais amado, que lhe dava mais orgulho. Além disso, é o trabalho que mostra o quanto ele era aplicado e capaz de organizar semestralmente uma publicação que envolvia textos críticos, ensaísticos, entrevistas, dramaturgias, ricamente ilustrados com fotos de espetáculos e de artistas.

À parte disso, enquanto estava trabalhando na Fundação Catarinense de Cultura, Marco reorganizou *Ô Catarina!*, importante publicação da FCC. Além de compilar, junto com Denize Gonzaga, online as edições anteriores, ele reconfigurou o periódico, lhe deu uma identificação visual única e manteve a periodicidade durante 15 números. Aí vieram os "anos-buraco", Marco, que, além de teimoso, era profundamente ético e coerente com a própria história, saiu do serviço público, para onde nunca mais voltou e *Ô Catarina!* perdeu-se de vez nos corredores da FCC.

Em 2019, ainda houve a publicação do *Isnard Primeiro Caderno*, dedicado ao 24º Festival Isnard Azevedo. Este Caderno seguia os moldes do *Caixa de Pont[o]*, com diversos textos dos envolvidos no festival. Em 2022, organizou mais dois volumes sobre teatro: *Fazer o teatro* 1 e 2. Cada volume reuniu entrevistas com quatro importantes atrizes da cena teatral catarinense. Novamente, o poeta não se afastava e seguia de mãos dadas com os seus.

Ao final do poema, Drummond estabelece: "O tempo é a minha matéria, do tempo presente, os homens presentes, a vida presente." Essa também era a matéria de Marco Vasques, um homem de seu tempo, um homem conectado ao presente, à vida presente, um homem que fazia as coisas acontecerem apesar das intempéries, dos contratempos, das atribulações financeiras. Desde os anos de 1990, Marco era um obstinado, primeiro bastante selvagem, inquieto, irrequieto, mas depois um pouco mais capaz de conter a selvageria, os espinhos que lhe saltavam à garganta quando se via injustiçado ou via a injustiça acontecer. Era um escritor, poeta sobretudo. Mas antes, além, acima de tudo, era um editor capaz de juntar, coalizar, amalgamar muitos textos, muita gente.

Numa noite qualquer, de um dezembro qualquer, Marco desobedeceu a um dos versos de Drummond: "não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins." Não que tenha fugido para as ilhas, mas foi em destino a elas buscar alimento. Não que tenha sido raptado por serafins, mas foi raptado pelo mar, que lhe engoliu, que lhe tornou água e sal. Agora estamos por aqui, terrenos ainda, tentando organizar este número que possa honrar sua memória, seu trabalho, sua artesania.

[Rubens da Cunha, professor, poeta e escritor, Recôncavo, BA]

Marco Vasques: poeta-compositor

Jéferson Silveira Dantas

Há pouco mais de um ano, Marco Anselmo Vasques (1975-2023) nos deixava, premonitoriamente, como no poema de um livro que escrevera na juventude (*Cão no Claustro*, Ed. Letradágua, 2002, p. 20): "aqueles barquinhos / levados pelas águas / das chuvas / foram meus primeiros naus / frágeis". Aliás, particularmente, aprecio muito os poemas do jovem Marco, diferentemente do autor que os considerava excessivamente "românticos". Divergências poéticas à parte, num desses encontros festivos de cunho etílico gastronômico, Marco e nossas companheiras à época adentramos a alvorada de março de 2014 compondo de forma inusitada e cambaleante quatro canções — todas letras dele —, declamadas e transcritas no "calor da hora"!

Por razões que não cabem expressar aqui, afastamo-nos pouco tempo depois, o que, de algum modo, contribuiu para que o enxergasse em sua totalidade e em suas contradições. Agitador cultural e habilidoso em qualquer ação artística que se engajava, Marco nos faz imensa falta! Por meio dele conheci pessoas queridas e valorosas e que se tornaram minhas amigas até os dias de hoje. Só quem o conheceu em seu inferno íntimo pode entender a dimensão de suas lacunas existenciais, preenchidas com destemperos, afetos, rusgas, bravatas, enfrentamentos e amorosidades enviesadas.

Em maio de 2014, recebi de Marco um de seus mais belos poemas, "Conselheiro Mafra". Desde o instante em que o li, percebi ali a potência de uma canção, ou melhor, de uma milonga urbana. A melodia coube perfeitamente na letra, e uma das estrofes foi declamada. Estava finalizada a composição, nossa última parceria poético-musical. Marco planejava um sarau de canções autorais. Tal ideia partiu do dia em que postei numa rede social a performance caseira da canção de mesmo nome (https://www.facebook.com/share/v/1EoSRu9TVc/). Era novembro de 2023.

Nosso derradeiro encontro se deu no Teatro Ademir Rosa, no Centro Integrado de Cultura de Florianópolis/SC, antes do espetáculo *Ficções*, protagonizado pela atriz Vera Holtz. Coincidência ou não, o tema da peça propunha uma profunda reflexão sobre as ações humanas e seus descaminhos, numa narrativa que entremeava "invenção" e "realidade". *Ficções* tem como referência dramatúrgica o livro *Sapiens: uma breve história da humanidade*, do filósofo israelense Yuval Noah Harari. Marco, um aficionado pelo teatro, aparentemente estava feliz e sereno naquela noite. Alguns dias depois o mar o levou... e levou um pouco de sua poesia, mas que agora pode ser atestada também em forma de canções. Deixo abaixo o registro da letra "Conselheiro Mafra":

rua sequestrada de olhares
mapas e plantas

originais de planos de fuga
sem fuga

os fios são pistas
decifráveis desta geografia
de tecido insular
provincial

a lua nasce no mercado
na boca descarnada
da cortesã sem face

nasce no branco dos olhos
do cão prostrado
que mastiga seu inferno particular

e a rua sequestrada de olhares
abre as janelas de antigos bordéis.

[Jéferson Silveira Dantas, historiador, letrista, compositor, ensaísta e professor do Centro de Ciências da Educação-UFSC, Florianópolis, SC]

O mar e a paixão do pescador

Vera Collaço

Eu não conhecia Marco Vasques, e ele não fazia parte de minhas referências pessoais, acadêmicas e/ou cênicas. Fui conhecê-lo lá pelos fins de 2014, quando chegou ao Centro de Artes (CEART/UDESC) me procurando para conversar. Era um rapaz jovem, simpático, muito desembaraçado, com um certo tom de ansiedade e angústia na voz, nos movimentos corporais e nos gestos — e até posso dizer que nele se percebia uma certa arrogância. Essa foi minha primeira impressão deste rico personagem para a história do teatro catarinense.

Defesa da dissertação "Ideias e práticas teatrais de Flávio de Carvalho", Udesc, Florianópolis, SC, dez. 2014. Da esq. para a dir.: Edélcio Mostaço (membro da banca); Vera Colaço (orientadora) e João Roberto Faria (membro de banca) / Acervo pessoal (Marco está vestido tal qual Flávio de Carvalho na performance Experiência n. 3, realizada em 1956, nas ruas do centro de São Paulo, com "traje tropical" - saia, blusão e meia de pescador).

Ele foi direto ao assunto: desejava cursar o mestrado em teatro no CEART e pedia a minha orientação. Ao longo dessa primeira conversa, discutimos o possível projeto para a submissão ao mestrado. E assim eu fui adentrando na sua vida e nas suas lutas diárias para viver e sobreviver em nosso mundo tão confuso e atormentado.

Após passar no processo seletivo, Marco entra no Programa de Pós-Graduação em Teatro com um projeto de dissertação tentando avançar nos estudos do genial Flávio de Carvalho. E com isso ele consegue uma bolsa de estudos para o mestrado da CAPES, o que lhe deu, por dois anos, um certo alívio financeiro. Ele defendeu sua dissertação e, na defesa, a banca o encaminhou para prosseguir no doutorado, já não mais sob a minha orientação.

Mas, apesar de não ter sido mais meu orientando, nossos contatos permaneceram e se intensificaram nos anos seguintes, período em que passei a ter contato com sua obra como poeta, contista e crítico teatral. Aí encontrei outra pessoa, não menos atormentada, mas que expunha sua dor pessoal e do mundo que o rodeava de modo profundo, poético e muito doloroso.

De minha convivência com o Marco Vasques iniciada em 2015, ficou uma marca profunda e inquietante. Ele sem dúvida era um grande escritor, poeta, contista e crítico teatral. Havia nele uma ansiedade de produzir de modo intenso, de ler uma quantidade infindável de obras e de conhecer as diferentes correntes estéticas das artes e, em específico, da cena teatral. Isso o consumia e me transmitia uma ansiedade de viver tudo em um tempo muito breve. Era como se ele soubesse que seu tempo conosco era pequeno e que, assim, ele deveria deixar um legado substantivo. Era visível que os únicos momentos de alívio em sua vida ansiosa vinham de seu contato com o mar, em suas deliciosas pescarias. Esse pescador apaixonado pelo mar deixou que ele o levasse para sempre. Adeus, querido Marco.

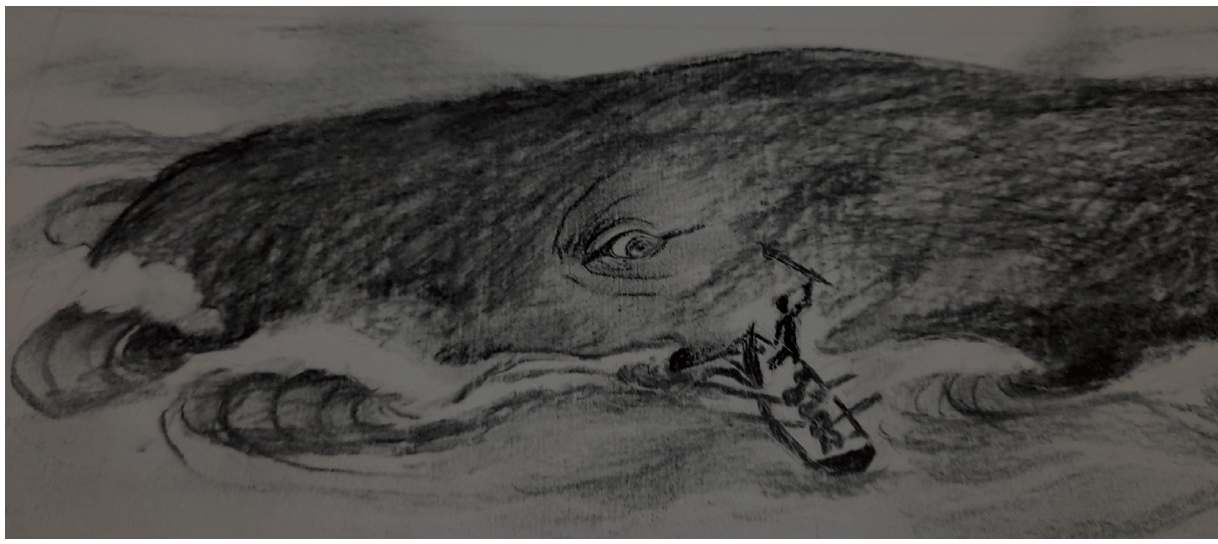
[Vera Collaço, pesquisadora, escritora e professora aposentada do Programa de Pós-Graduação em Teatro/UDESC, Florianópolis, SC]

Do *Inferno* e dos *Borradores*

Iur Gomez

Tratava-o por Vasco, e isso foi antes — não importa em que momento, mas bem antes de ele embarcar em seu "Moby Dick" e se bandear de vez para o mundo das águas.

Nesse antes, quando ainda se dispunha a ilusões e adversidades na insular terra dos ventos errantes, eram corriqueiras nossas disparidades e percepções de mundo, afrontas e provocações discorridas em dialetos de redoma e atordoadas que derivavam inevitáveis, em dissensões estéticas, filosóficas, políticas e outras tantas de impulsos retóricos e mera vaidade. Por fim, como num aceno de trégua, indagava se de minha parte não haveria como eternizar sua poética num filme ficcional a partir de um de seus contos. Mas seus textos não me inspiravam para tanto; eram tragédias cotidianas exacerbadas pela verve performática, às vezes triviais, previsíveis (tal quais as minhas e as do entorno, ainda que aparentassem sofisticadas).



Reli *Harmonias do Inferno* (2010) e, aos poucos, encontrei o que me parecia interessar: a inquietude e a serenidade, a esperança e o desamparo, a utopia e o desencanto; pouco importava a forma, seus "Infernos" compunham a dor genuína e crua. Recortei trechos e esbocei um roteiro em retalhos, que o intitulei, soberbo e demasiado, de *Borradores de Bernice*, um curta em linguagem experimental de narrativa rebuscada que se desenvolvia por meio de desenhos rascunhados e imprecisos, trilha perturbadora, diálogos sussurrados, breves e imprecisos, que se mesclavam a realidades desconexas e dispersas nas penumbras do imaginário, marcados por silêncios fortuitos e perturbados.

Os desenhos da personagem (Bernice) eram feitos por traços grosseiros e incompletos, preenchidos por hachuras assimétricas e figuras disformes, mas uns detalhes de perfeita elaboração revelavam sua habilidade com o grafite e o carvão. As gravuras expressavam a delicadeza insana de Bernice, que se opunha à débil racionalidade de Cirineo. Ela era o desejo, ele a amargura. Ela o desatino, ele, o descaso. Em comum, a reclusão: Bernice num sanatório, Cirineo em sua rotina. Ambos se debatiam como se debate a borboleta ainda-lagarta enredada no casulo ou o filhote da baleia que acompanha, agônico, a mãe arpoada e perseguida até a morte naquelas águas, sagradas e impiedosas, imensas águas em que Vasco se embrenhou e por lá ficou, tem ficado, foi, não volta.

Eram desenhos sobre a violência que os adultos praticam contra as coisas, as pessoas, as crianças. Não como denúncia, apenas relatos de traços imprecisos, incompletos, que é o que resta disso tudo.

Mais que seus textos, poemas e prosas, eram seus relatos que inspiravam, aquilo que não foi escrito, mas me foi dito, ainda assim, a palavra.

Dessa forma, seu "Inferno", apesar de sua formalidade literária, me parecia que se ampliava nas telúrias entusiásticas que atravessavam noites e despontavam madrugadas descompassadas entre descasos e fartas doses de solidão e desespero, ainda que houvesse um amontoado disparatado de sonhos que se diluíam ao despertar e revelavam briosos e prosaicos na aridez do chão que se firma e na acidez do ar que desampara.

Durezas e azedumes se materializaram quando já se findava o dia; era 10 dezembro de 23. Recebi, pelo Whats, mensagem da Denize (Gonzaga): "Marco tá desaparecido". E desde então foi aquilo tudo que se sucedeu: esperas, e incertezas, e desesperanças, até que nada restasse senão se conformar com o acontecido.

Vasco nunca leu os *Borradores*. Nem os tenho mais; perderam-se, assim como ele. E o que restou de ambos é memória. O pedido de eternizá-lo pode nunca se cumprir, neste caso, só o que posso é a sugestão da cena final de sua desventura na forma, nem tão fiel, na qual queria ser consagrado, um esboço de argumento, mais esboço que argumento, com a devida licença que é permitida à escrita.

É noite em algum lugar do Atlântico. Um barco pequeno iluminado apenas por uma vaga luz ambiente luz minguante em águas serenas. Dentro, um homem, 50 anos a se completar em breve. Dorme abraçado às pernas. Lábios em feridas, face tostada, respira agônico, sente frio. Já gritou tudo o que pôde, chorou, invocou seus demônios, amaldiçoou a humanidade. Agora, cansado, vencido, sonha talvez. Os gatos na janela e a escrita perturbada sobre os horizontes incertos e imprecisos, como esse com o qual se depara tão logo desperta. Está atônito. Ainda ressoam os miados e a esmigalha das palavras tecidas da escrita inventiva não realizada.

Esse homem se chama Marco e, há dias, está à deriva.

Desperto. Desta vez não se desespera. Há, agora, estranha serenidade e resignação. Observa seu entorno. À frente, diante de seus olhos, a linha tênue que divide a imensidão cósmica da oceânica. Redime-se diante da infinitude, do eterno e do acaso.

Marco tira do bolso o que restou de um cigarro e um isqueiro, ambos em seu último fôlego, como ele. Quando a faísca encontra o único filamento seco do tabaco, ele sorve, num esforço derradeiro, tudo o que sua força ainda permite. Sabe que nada mais resta, nem sonhos, nem desilusões, só as certezas do fim diante das imensidões dos céus e das águas, a mesma que um dia almejou e da qual agora se tornara parte.

Diante do nada, percebe que a palavra é porosa como é o filete que ampara a antera e que há, na fala, um silêncio intersilábico. Que ainda não tem nome o ressonar da borboleta, e o capítulo não escrito das dores de sua memória não faria falta em seus ensaios inconclusos sobre as vazantes. Que na poesia tudo é prelúdio e seu choro mais sincero nunca ninguém viu, nunca ninguém soube. E de tudo que importa é saber o ponto do sal no paladar alheio, que o café é amargo e que os epitáfios não guardam nobreza, senão honrarias e saudades débeis e inócuas.

Mas o que é isso tudo diante do brilho das estrelas? Da imensa composição cósmica? Aquelas luzinhas cintilantes no firmamento. Nunca lhe importara tanto como agora, tantas e tão próximas que quase se pode tocá-las. Percebe que algumas estão dispostas de tal forma que lembram uma "caixa" de guardar coisas: suas geografias interiores, seus abismos particulares e as abscissas das águas que o levam mar adentro, que é onde se encontra.

E o que lhe cabe como obra derradeira e definitiva, em seu último instante, é nomear suas estrelas à revelia da tradição astronômica, firmando sua própria cosmogonia.

Àquela que se eleva acima das outras, deu o nome de Dionisyus. *À sua perpendicular está* Rubere. *Mais abaixo, levemente afastadas,* Carolus *e* Barbaros. *Por fim,* Adal, *um pouco mais distante, completava a "caixa", a sua Caixa.*

Até que surge, inesperada, uma sexta estrela, na altura de seus olhos, de um brilho ainda pueril e intensa como devem ser as estrelas. A esta, deu o nome de Petrus, *como se a Pedro fosse destinada a Caixa que acabara de compor. E dessa forma batizou aquela constelação por "Caixa de Petrus" . Seu último olhar, sua última lembrança.*

Assim foi que se sucedeu, só porque quero que tenha sido, por capricho e tributo. Um pouco de conforto talvez.

[Iur Gomez, roteirista e documentarista,
Florianópolis, SC]

Viver mil vezes

Luana Raiter, Luiz Henrique Cudo e Pedro Bennaton

Tem gente que vem ao mundo determinada a brincar com a vida, a lutar com e pela arte, pelo pensamento e pela poesia. Gente obstinada a navegar sem traçar a cartografia dos rumos seguros, entregue a uma paixão que não mede energia, nem conflitos, nem consequências econômicas, para seguir o que pulsa dentro de si. Gente que nasce com o espírito de viajante, que se desprende da possibilidade de regressar para onde partiu, pois se permite ir a fundo no trabalho que a viagem efetua sobre si: transformar-se, renovar-se, descobrir-se. Viajantes assim estão dispostos a morrer mil vezes em sua *viagem-vida*, pois embarcam na maré das paixões, insistem na esperança de um presente que pode ser outro e, diante da realidade imperante, protestam uma e outras vezes o quanto for necessário.

Vasques dizia que era um bom perdedor, que a sua sina era perder; no entanto, sua capacidade de morrer mil vezes é infinitamente mais marcante. E se morrer mil vezes pode soar trágico, só vive mil vezes quem o faz. Essa hipérbole nos remete profundamente ao que nosso amigo representava no teatro e na arte catarinense e do país. Somos testemunhas de como ele reergueu-se uma e outra vez, movido pela força de sua paixão. Mirava naquilo que ele gostava do teatro, no sabor das palavras e dos pensamentos, na potência da pauta política que defendia. Embarcava na audácia de conduzir a nau, à deriva ou não, para esse horizonte, sem importar-se com a tempestade. Em sua *viagem-vida*, embarcou na batalha de construir, pensar, registrar o teatro catarinense, escrever poesias e exigir políticas públicas para as artes, incansavelmente. E assim, reiteradamente, viveu tantas vezes desde que o conhecemos.

Uma de suas características marcantes era dizer o que achava necessário ser dito, seja em suas críticas, seja nas discussões em bares, seja nas mesas de negociações em que representou a classe teatral como conselheiro de cultura, nos programas de entrevistas, no jornal *Caixa de Pont[o]* ou em seus poemas e livros. Vasques tocava em tópicos que muitos não tocavam, e o fazia com paixão e urgência. Se muitos de nós recebemos dele duras críticas sobre nossos trabalhos, também foi ele o que mais os valorizou. Sempre prestigiando o trabalho de algum amigo, algum desconhecido, colega, grupo, jovens ou antigos, acompanhando presencialmente, como poucos, e estudando muito sobre a história, a produção teatral do estado nos últimos 30 anos. Vasques teceu reflexões importantes não apenas sobre os aspectos artísticos, estéticos e poéticos, mas também sobre o ecossistema político dos artistas em Santa Catarina e no Brasil. Suas observações e provocações são essenciais para o setor cultural catarinense, e nacional; seus escritos sobre o teatro constroem a história do teatro do estado. Pelo tanto que plantou em terra, esse viajante nunca será um náufrago.

A última vez que o vimos presencialmente foi em sua casa. Seu apartamento térreo parecia sustentar o prédio com sua grossa camada de livros. Nos espaços onde os livros não solidificavam as paredes, respiravam quadros. Atrás da porta de entrada, um mapa de Florianópolis e de seu arquipélago. Orgulhoso, nos mostrou quantas ilhas ao redor da ilha ele já havia visitado com o seu barco *Mobydick* e abriu uma geladeira exibindo uma abundância de peixes pescados por ele. Vasques, o crítico e poeta, se multiplicou naquele instante, em Marco, o pescador, e ficou claro que estávamos diante de um aventureiro do cotidiano, um desbravador, um viajante inconformado e lúcido.

Marco se entregou mesmo, de corpo, alma e vida às suas paixões. E assim cumpriu um ciclo. Como sempre, rumou de peito aberto ao destino das suas paixões. Boas viagens, Vasques! Estamos no mesmo barco, suas reflexões seguem ressoando aos ventos. Que viva mil vezes a sua memória e que possamos todos morrer mil vezes, assim como você, para insistir sem medo na força do que pulsa.

[Luana, Cudo e Pedro, integrantes do *ERRO Grupo,*
Barcelona/Florianópolis, SC]

Marcola

Vinícius Alves

Na minha juventude (imagino que deva ter ocorrido isso com todos os jovens), aconteceram algumas coisas engraçadas. A principal, que bem me recordo, foram as brigas que tive nos primeiros dias de aula. Frequentei vários colégios, na capital e no interior do estado, em cidades medianas ou muito pequenas, e conheci muita gente de todas as classes. Em todas elas, me deparei com caras que, de primeira, não foram com a minha. Em qualquer desses lugares. Sei lá por que isso acontecia. Sempre me considerei um cara pacato. Às vezes até demais. Era tido como apaziguador. Quase todos os meus amigos me procuravam pra tomar conselhos ou pra que eu os ajudasse a resolver seus problemas, com os pais, com as namoradinhas, na escola etc. Mas nunca levei desaforo pra casa. Ensinamento que me legou meu avô paterno (que não era pai do meu pai).

Pois bem. Com o Marco Vasques não foi diferente. Estava eu uma vez com minha filha e minha namorada no saudoso Café Matisse quando apareceu aquela figura bizarra me perguntando se eu era o "famoso" vinícius alves. Já mostrou na hora quem era. Bastaram uns dois minutos de um papo não muito amistoso, haja vista a caceteação dele em afirmar que eu era o tal "famoso", e minha (e a dele também) água ferveu. As meninas tiveram que me segurar. Acho que alguém o segurou também. Passados alguns dias, o encontrei de novo, e ele se desculpou. Sou daqueles que não guardam mágoas. E bastaram umas cervejas pra que a paz reinasse outra vez. A partir daí nos tornamos grandes amigos. Eis a parte engraçada citada no primeiro parágrafo. Todos, eu disse todos, esses caras com quem me desentendi na primeira vez se tornaram grandes amigos. Com Marcola (era assim que eu o chamava, o bandido que não sabia latim) não foi diferente.

Logicamente o que primeiro nos uniu foi o amor pela literatura. Depois sei que ele se interessou também pelo teatro mais seriamente na universidade. Além da pintura e da música, que ambos também admirávamos. Frequentei sua casa, como ele a minha, trocamos algumas experiências estéticas e uma que outra vez discutimos educadamente nossos pontos de vista. Mas, pralém disso tudo, o que mais era comum entre nós era outro amor: a culinária. Muitas vezes nos encontrávamos para fazer cada um o prato de sua predileção. E, modéstia às favas, ambos éramos bons nisso. Perdemos muito tempo nisso!

Muitas outras vezes nos encontramos em barzinhos ou em *vernissages*, ou lançamento de livros, quando varávamos as noites da boemia ilhoa. Bebemos piscinas de cerveja e vinho. Mas nunca mais nos desentendemos: um arranhão aqui, uma unhada ali, mas nada mais sério do que da primeira vez que nos avistamos.

Talvez seja isso que tenha me atraído nesses caras com quem me desentendi de primeira. Mostravam-se como eram desde o início. E sempre preferi que fosse assim, mas nunca foi nada planejado. Simplesmente acontecia. Os cabras sempre se tornavam excelentes amigos, grandes parceiros e, entre mim e Marcola, sempre imperou um respeito mútuo e duradouro.

A última coisa que combinamos foi que íamos levar o capítulo 8 do *Finnegans Wake*, de James Joyce, em tradução minha, pro teatro. Ele me disse que roteirizaria, dirigiria a peça e que escolheria as atrizes. Ficamos de nos encontrar pra desenvolver a ideia, mas mal tivemos tempo. Desaguou no mar sem me avisar. Uma das poucas coisas que não dividíamos era esse amor que ele nutria pelo mar. Já havia levado alguns sustos e sempre me precavi, indo até aonde "dava pé". Ele adorava pescar em costões, à noite, muitas delas sozinho. Da última se aventurou de barco que não sei se dominava. E o mar o engoliu. Depois disso nunca mais voltei a ele, ao mar. Só de mentirinha. Que Poseidon o tenha em bom lugar!

Evoé, Marcola!

[Vinícius Alves, escritor, Florianópolis, SC]

Cadê meus peixes?

Dinovaldo Gilioli

Até se pensou que estava tirando onda. Diante das (des) informações, nada se descartava. Alguém disse: deve estar em alguma ilha desconhecida e lá prepara o seu próximo livro, intitulado *Fui e voltei*. Não, ele não daria esse título. Acharia horroroso e diria na lata.

Costumava ter uma sinceridade sem filtro. Além de um ótimo pescador de palavras, entre tantas outras coisas, também era um bom pescador de peixes. Isso dito por poetas e pescadores! Encontrávamo-nos em atividades culturais, onde ia com regularidade. Gostava de transitar nesse meio. Era o seu território, além do mar, que adorava.

Mas o meu maior contato com ele se deu quando foi editor do jornal *Ô Catarina!*, publicado pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC), e quando participou da comissão selecionadora do Concurso Conto e Poesia, do Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis - Sinergia. Nessas ocasiões pude conhecer melhor o Marco Vasques instigante, irrequieto, indignado com as mazelas do mundo, as quais denunciava sem meias palavras. Um ser sensível, de olhar aguçado às pessoas menos favorecidas, atento às coisas mais simples. O Vasques de poucos amigos, de muita cumplicidade e amorosidade. Um humano com seus acertos e erros, qualidades e defeitos. Um Marco que infelizmente não estava, como eu disse no início do texto, tirando onda da nossa cara.

Marco em uma de suas pescarias, ano não identificado / Acervo pessoal.

Foi levado pela onda, ou melhor, pelas ondas. Saiu para pescar e não voltou mais. Feito poema dramático, peça teatral do absurdo, tocou fundo a alma quando, de fato, se soube da sua derradeira partida. Feito uma chispa no mar, o poeta se foi, breve como um haicai. Antes, porém, abraçado, acolhido por muitas mãos que remaram em sua busca. Por muitos corações que bateram firmes desejando o seu retorno.

Deixou marcas em prol das artes, em defesa da cultura. Perdoem-me o trocadilho, Vasques foi, sem dúvida, um grande marco na cultura em Santa Catarina, em Florianópolis, especialmente. Não sei para onde as ondas o levaram, onde foi sua última paragem. Só sei que o Marco Vasques não passou em vão por aqui. Ter convivido com ele foi muito bom, muito prazeroso. Não vou pedir que mande notícias de lá nem tampouco as mandarei daqui. Só sei que jamais o esquecerei, inclusive pelos peixes que não deu tempo de me entregar.

Para Marco Vasques

assoberbado pelas palavras
que me assombram
escuto o rio de lágrimas

cada folha que cai
parece descrever
a imensa dor do silêncio

o poeta se foi
levado pelas águas
turbulentas do mar

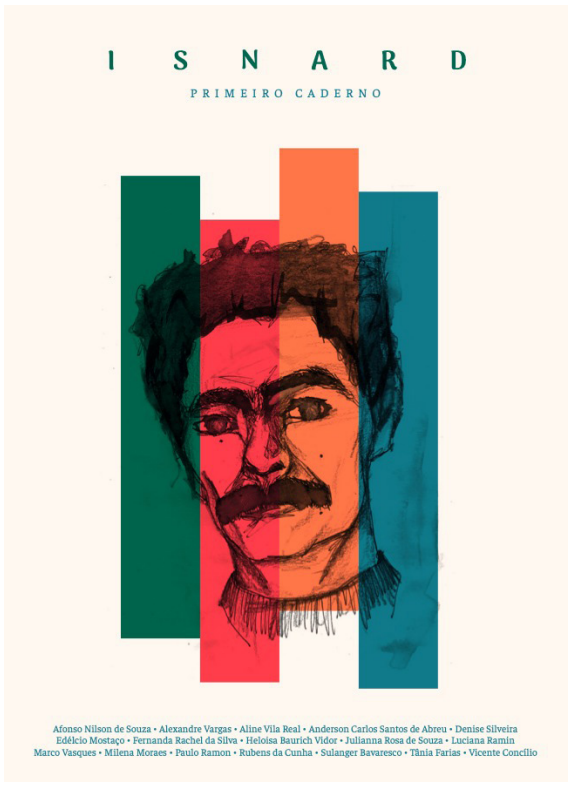
onde quer que esteja
aqui não estará mais

[Dinovaldo Gilioli, escritor e poeta,
Florianópolis, SC]

“Eu sou Marco Vasques”

Sulanger Bavaresco

Não me recordo exatamente quando e onde conheci o Marco. Minha primeira memória é vê-lo assistindo a espetáculos na cidade. Quando remontamos *Jardim das Delícias* (2008), espetáculo itinerante realizado na Casa do Teatro, lembro dele com um bloquinho na mão, anotando tudo e chamando atenção para si, por se colocar muito próximo às cenas. Dias depois, o espetáculo recebeu uma crítica elogiosa publicada no jornal *Diário Catarinense* e assinada por Aline Valim. O texto era excelente, mas o grupo se perguntava: quem é essa pessoa? Quando ela nos assistiu? Ninguém imaginava que pudesse ser ele o autor da crítica. Mas, pensando bem, quem mais acompanhava a cena teatral local com tanto empenho? Marco nunca assumiu publicamente a identidade de Aline Valim e, entre polêmicas e desconfianças, o mito persistiu no imaginário catarinense, assim como o blog da crítica segue no ar.



Publicação Isnard - *Primeiro Caderno*. Festival Isnard Azevedo, Florianópolis, SC, set. 2019.

Em 2005, Marco assumiu o cargo de Diretor de Artes na Fundação Franklin Cascaes. Nesse momento, tive contato por meio de reuniões sobre o Festival Isnard Azevedo. Ele queria renovar o evento que estava desgastado de uma fórmula que se repetia há anos e chegou com a ideia de ser um rolo compressor. Seu jeito direto causou impacto. Ele não era de dar ouvidos, era de dar o verbo.

Na época, eu estava no Teatro da UBRO e criei o “Música em Pauta”, um programa dedicado à música instrumental e erudita. Inspirado por essa ideia, Marco lançou o “Terça com Poesia”, um encontro quinzenal entre poetas e o público. Depois ele foi para a Fundação Catarinense de Cultura e nos reencontramos em apresentações teatrais. Em 2018, trabalhamos juntos no festival, com Marco conduzindo rodas de conversa e amadurecendo a ideia de uma escrita reflexiva sobre as memórias do evento. “Como pensar e repensar o que estamos vendo e fazendo?” era o tipo de provocação que ele sempre trazia.

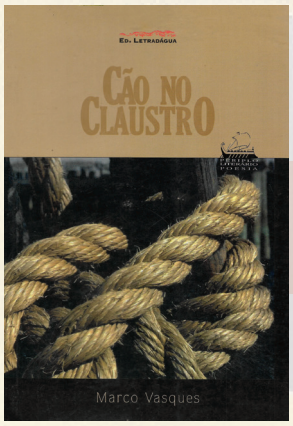
Na última edição do festival, em 2019, ele teve um papel central: coordenou debates (Casa da Memória) e ações formativas (UDESC) e organizou, com Denize Gonzaga, o *Primeiro Caderno Festival Isnard Azevedo*, uma revista com artigos, entrevistas e críticas sobre os espetáculos. Nessa fase, sua abordagem como crítico já havia mudado. A convivência com outros profissionais do Brasil e o mestrado e doutorado na UDESC refinaram seu olhar. Ele não se limitava mais a refletir o que via no palco; mergulhava na obra buscando o que estava além da superfície. Foi uma evolução linda de acompanhar.

No ano em que desapareceu (2023), representava a setorial de teatro no Conselho Estadual de Cultura. Foi eleito por unanimidade por toda a sua trajetória e pela mudança de postura com a arte e com os fazedores de arte. Marco assistiu a praticamente toda a produção teatral do estado e, embora reconhecido como poeta e escritor, era um homem do teatro. Sua ausência deixou um vazio no cenário cultural.

Tenho a impressão de que ele veio ao mundo justamente para provar seu valor e competência. Por isso sempre fazia questão de se apresentar com nome e sobrenome: “Eu sou Marco Vasques.”

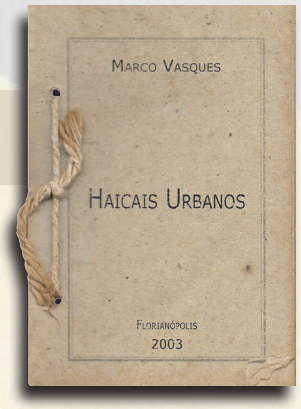
[Sulanger Bavaresco, diretora teatral, dramaturga e produtora cultural, Florianópolis, SC]

Publicações

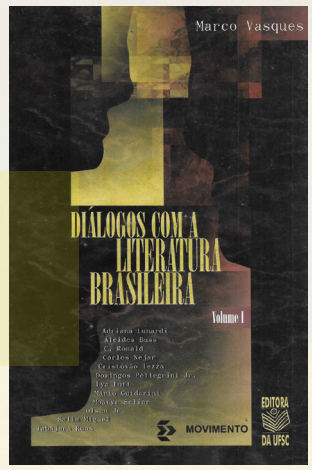


Cão no Claustro
Poesia
Letradágua, 2002

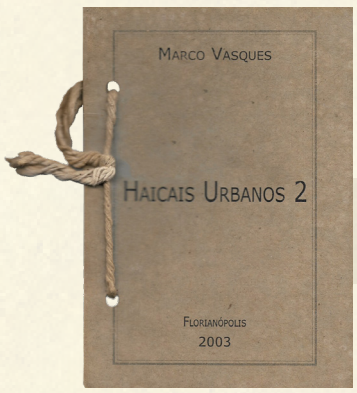
Poesia para gostar de ler poesia - Antologia Joinvilense
Antologia poética
Seleção, organização e textos Marco Vasques e Marcos Vinicius Scheffel
Letradágua, 2009



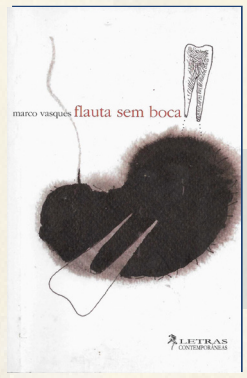
Haicais Urbanos
Edição artesanal, 2003



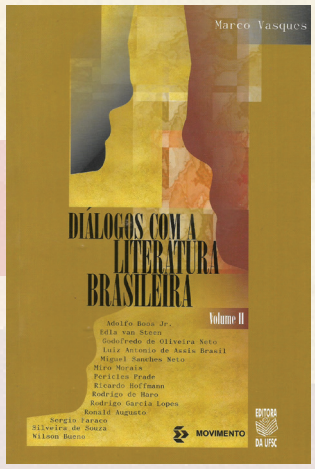
Diálogos com a literatura brasileira III
Entrevistas
Editora Movimento/
Letradágua, 2004



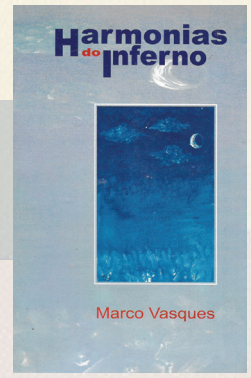
Haicais Urbanos 2
Edição artesanal, 2003



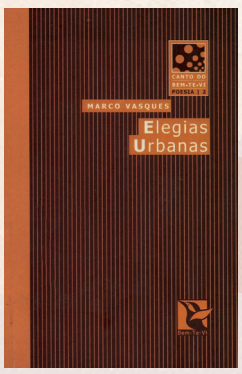
Flauta sem Boca
Poemas
Letras Contemporâneas
Florianópolis, 2010



Diálogos com a literatura brasileira I
Entrevistas
Editora Movimento/Ed. da Ufsc, 2004

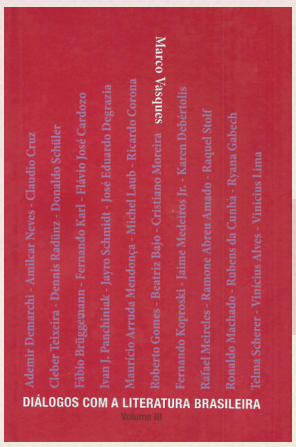


Harmonias do Inferno
Contos
Edição do autor, 2005

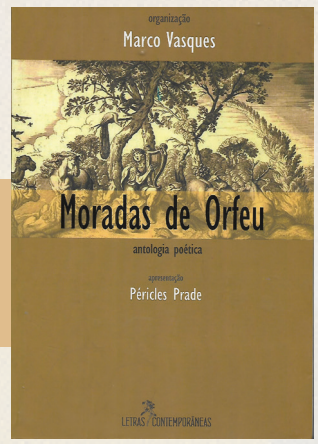


Elegias Urbanas
Poemas
Bem-te-vi, 2005

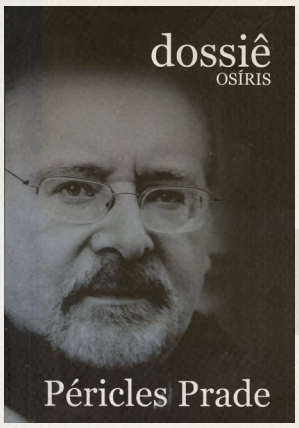
Harmonias do Inferno
Reedição com desenhos de Rodrigo de Haro
Editora Letradágua, 2010



Diálogos com a literatura brasileira II
Entrevistas
Editora Movimento/Ed. da Ufsc, 2007



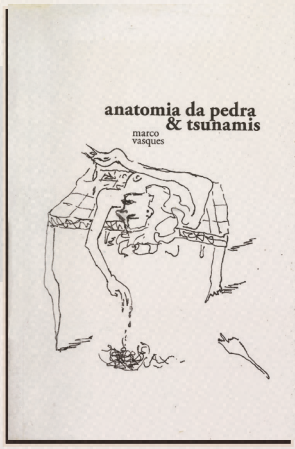
Moradas de Orfeu
Antologia poética
Marcos Vasques (org.)
Letras Contemporâneas, 2011

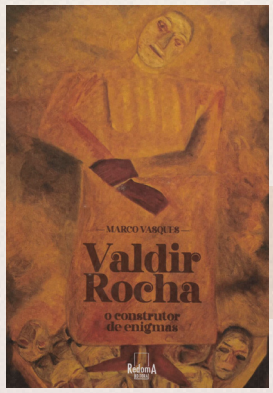


Péricles Prade: Dossiê Osíris
Revista Osíris, 2011

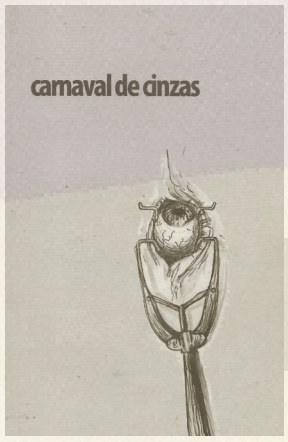
Fazer o Teatro v. 2
Entrevistas com atrizes catarinenses
Redoma Editora, 2022

Anatomia da Pedra & Tsunamis
Poemas
Redoma Editora/Nova Letra, 2014
(2.ª edição revista e ampliada)

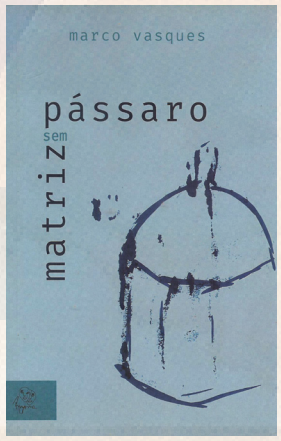




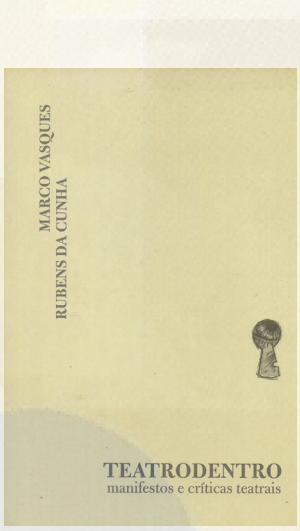
Valdir Rocha - o construtor de enigmas
Redoma Editora, 2022.



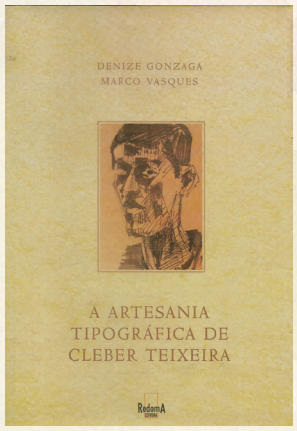
Carnaval de Cinzas
Contos
Papa Terra Editora, 2015



Pássaro sem Matriz 1. e 2.ª ed.
Poesia
Rizoma Projetos Editoriais, 2022



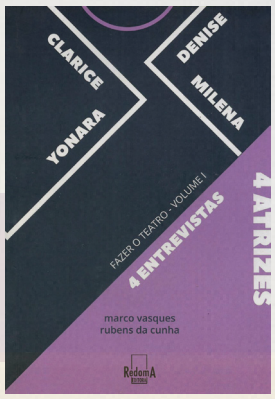
Teatrodentro - Manifestos e críticas teatrais
Críticas
Marco Vasques e Rubens da Cunha (org.)
FCC Edições, 2016



A artesania tipográfica de Cleber Teixeira
Biografia
em coautoria com Denize Gonzaga
Redoma Editora, 2022

Verde, amarelo, azul e branco - ficções-realidade
Edição do autor, 2021

Biografias Interiores para Geografias Imperfeitas
Contos
Rizoma Editora, 2023
(ainda não lançado)



Fazer o Teatro v. 1
Entrevistas com atrizes catarinenses
Redoma Editora, 2022.

Entre livros, peixes e salas de ensaio: a dramaturgia de *Mestres do Tempo*

Ângela Finardi e Prika Lourenço

O rosto dela carrega livros desenhados pelo sol e pelo sal. Cada ruga que se acentua no largo sorriso da pescadora carrega um punhado de histórias a serem desbravadas, conhecidas. Ela conversa com o mar. E conversar com o mar exige mais que diplomas. É preciso estabelecer uma espécie de irmandade, de comunhão com o tempo" (fragmento extraído da dramaturgia de *Mestres do Tempo* - prólogo Dona Naca, pescadora da localidade de Ganchos/SC, a primeira mulher a tirar carteira de pesca no estado).

Foram com trechos poéticos como este que Marco Vasques criou o desenho de dramaturgia para *Mestres do Tempo*, espetáculo de teatro que valoriza a pesca artesanal em Santa Catarina. Enquanto nós, Ângela e Prika, percorríamos de bicicleta os 700 quilômetros do litoral catarinense para entrevistar pescadores artesanais, sentindo na pele o sol, o vento e a chuva, tal como os pescadores sentem diariamente, Marco nos acompanhava com o diretor Silvestre Ferreira através do diário de bordo que, religiosamente, alimentávamos no grupo de WhatsApp. Marco havia sido convidado não apenas pelo seu talento como escritor e pesquisador teatral, mas também por ser pescador, apaixonado pelo mar.

Espetáculo *Mestres do Tempo*, 2023 / Acervo *Metamorfose Cia. Cênica*, Joinville, SC.

Aliás, foi ele quem, mesmo sem estar fisicamente conosco no início da jornada, primeiro lançou as redes em águas profundas, mapeando com rigor e sensibilidade todas as colônias de pescadores do litoral do estado que deveríamos visitar. Terminada a viagem, após a transcrição atenta dos áudios e vídeos, ao nos depararmos com tanta sabedoria, sentimos aumentar nossa responsabilidade em honrar as histórias a nós confiadas, que, entre outras coisas, nos fazem lembrar que somos parte da natureza. No decorrer do processo criativo, os textos de apresentação das personagens foram mesclados por Marco com as narrativas que registramos e transformamos em cena com experimentações guiadas por Silvestre.

Depois de muitos ensaios, em 24 de agosto de 2023, no Teatro Álvaro de Carvalho, em Florianópolis, nasceu *Mestres do Tempo*: um espetáculo de teatro com formas animadas e canções. Plateia lotada e, entre os presentes, os pescadores que entrevistamos e suas famílias.

Meses depois da estreia aconteceu o impensável; esse lance do destino que transforma a arte em profecia, a palavra em presságio: Marco Vasques desapareceu no mar de Florianópolis numa tarde de sábado, quando saiu para pescar em seu barco, ironicamente chamado por ele de Moby Dick, numa homenagem ao romance que tantas vezes citou durante nosso processo criativo.

Não pudemos deixar de notar a terrível beleza dessa coincidência, como se o mar, esse personagem silencioso e onipresente em nosso espetáculo, tivesse finalmente reclamado para si aquele que tão bem soube traduzir suas histórias. Quando agora representamos *Mestres do Tempo*, há uma camada adicional de significado, há um pescador a mais entre aqueles que deram seus depoimentos, há uma ausência palpável que, paradoxalmente, torna mais presente o sentido profundo do que fazemos: preservar histórias, resistir ao esquecimento, lutar contra a dissolução que o tempo impõe a tudo e a todos.

Marco agora está metafisicamente presente em cada palavra que pronunciamos em cena, em cada gesto que realizamos, em cada silêncio que compartilhamos com o público — o dramaturgo que se tornou, ele próprio, parte da mitologia que ajudou a construir.

[Ângela Finardi e Prika Lourenço, atrizes, pesquisadoras e produtoras da *Metamorfose Cia. Cênica*, Joinville, SC]

SINOPSE

O espetáculo Mestres do Tempo faz um percurso pelo universo da pesca artesanal em Santa Catarina. As atrizes Ângela Finardi e Prika Lourenço percorreram o litoral catarinense de bicicleta conversando com pescadores e pescadoras sobre suas vivências e suas relações com o mar. Na travessia elas conviveram, entrevistaram e coletaram histórias. Mestre do Tempo se constitui a junção da experiência das atrizes com a matéria humana coletada na viagem. Mestres do Tempo é, também, uma espécie de agradecimento aos pescadores e pescadoras que as receberam com afeto e generosidade.

PRÓLOGO: Seu Veco e Silvano

Seu Veco é homem simples que nunca arredou os pés da Barra da Lagoa, em Florianópolis. Há quem diga que não há pescador mais destemido e ousado.

Silvano aprendeu a ler o mar, as ondas, as correntezas e os ventos muito antes de adentrar num banco escolar.

Seu Veco, com praticamente seis décadas dedicadas à pesca, é uma lenda viva.

Silvano tem orgulho de dizer que faz parte da quarta geração de pescadores da família. Ele se emociona quando se põe a falar de seu pai, o Seu Veco.

Os dois, pai e filho pescam juntos, há mais de quarenta anos.

Dois poemas[1]

Eduardo Silveira

EIIIIIIIIIIIIIIIIIIII!

que bom que você veio!
hoje tá mais legal o recreio... ontem a tarde foi lenta e vazia e até o lanche que a tia me deu tava sem gosto e sem recheio!

que bom que você veio!
hoje o filme não fica pelo meio... ontem me bateu uma preguiça dormi logo no começo
mas contigo o filme passa ligeiro!

que bom que você veio!
hoje não fico de fora, de escanteio... ontem, sozinho, fiquei horas na TV contigo sou parque, praia,
pique-esconde, pipa solta no barreiro!

meu amigo querido, que saudade de você. a alegria que eu tenho de saber
que o meu poema eu te dei em vida que você leu o seu poema em vida que a nossa história não foi
curta nem comprida foi cumprida foi cantada e foi vivida.
pelos caminhos por que erro eu levo, querido amigo
o seu nome para perto de outros afetos restou um buraco gigante no espaço e é assim que nessa teia me completo
com abraços apertados,
com risos cantados e encontros secretos.
você sabia que amor e política se faz todo dia, e que nessa singular economia
o afeto é como uma comida, se partilha. e que a mais forte e micropolítica é essa

dos encontros e confrontos te amo muito e pronto,
já não tenho o que dizer
você sabia que amor e política se faz todo dia eu trato de cultivar meu jardim de novos afetos mas que posso fazer se numa tarde deserta
tão propensa a novas descobertas
ninguém mais chá de boldo me oferta como você fazia?
eu vou é viver com alegria e celebrar em cada canto
o que neles há de mais valia.

Eiiiiiiiiiiii!!

SERVIDÃO MARIA DA GLÓRIA DE MELO

ali pesca pampos e poemas
que entram sempre pelas ventanas
retalhadas escamas barbatanas

no mar se aprimora; ali, mora e namora
servidão maria da glória de melo
rua dos bobos muito à esquerda
número zero

na porta de entrada, a ilha explorada
na cama, vagabundíssima, madonna,
encantochada, assiste pornochanchada
e lê arrabal

cuidasse de rimas e louros, ficaria até o arrebol
mas o que almeja é o impossível:
malandro jonas, mercador nato
atravessa noite a fundo a modo
trazer do costão a anchova
fresca e farta que encha enfim
o prato seco da infância

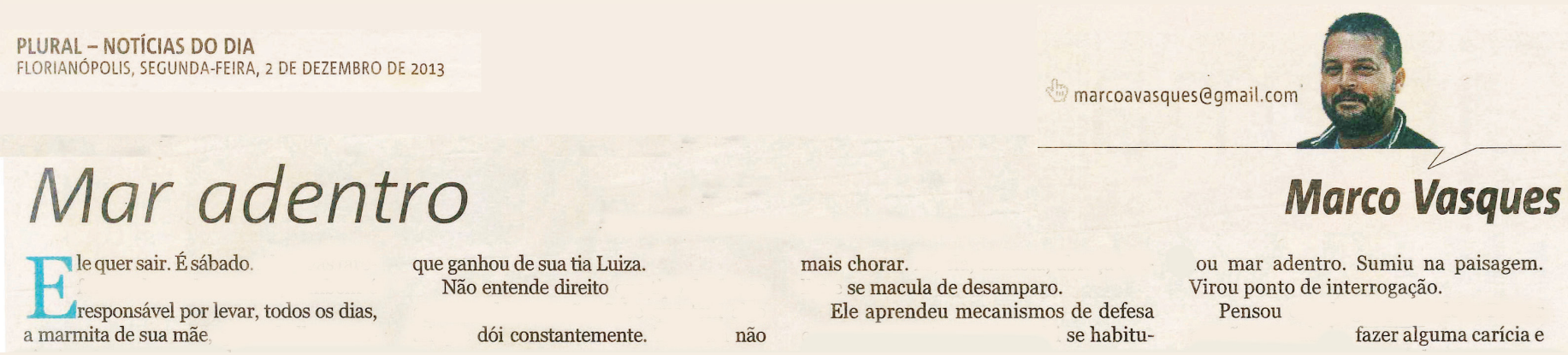
olhos de preguiça, ombros fortes,
hoje, lamentavelmente sente-se mal
o mar não está para peixe,
em memórias, em ilhas ressonantes,
agarrado a uma garrafa lançada das trevas,
passará o dia
o mar

khayamm manezinho,
sabe que a vida,
inda mais sem vinho,
é nada

[1]Marco leu, gostou, curtiu e compartilhou o segudo poema. Sua casa sempre foi pura poesia: entre gatos e livros, entre filmes e fumaça, encontros e claustros, a vida sempre intensa de um vivente rebelde. O primeiro foi poema feito sob a atmosfera de sua ausência e tematiza as marcas profundas que alguém como ele deixa em toda a gente.

[Eduardo Silveira, poeta, Joinville, SC]

Marco cronista


PLURAL – NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SEGUNDA-FEIRA, 2 DE DEZEMBRO DE 2013

marcoavasques@gmail.com

Mar adentro

Marco Vasques

Ele quer sair. É sábado. que ganhou de sua tia Luiza. mais chorar. ou mar adentro. Sumiu na paisagem.
Não entende direito
responsável por levar, todos os dias, se macula de desamparo. Virou ponto de interrogação.
Ele aprendeu mecanismos de defesa Pensou
a marmita de sua mãe dói constantemente. não se habitu- fazer alguma carícia e

Amilcar Neves

O Marco ligou muito a sua vida ao Teatro. Um testemunho eloquente dessa dedicação é a criação e manutenção heroica deste *Caixa de Pont[o]*, jornal único no país. Filósofo pela UFSC, enveredou pelo espaço quase vazio da crítica teatral em Santa Catarina. Tanta dedicação que ele chegou até o doutorado, brilhantemente concluído na UDESC, justamente em Artes Cênicas.

Quando o conheci, há cerca de um século, ele era poeta, porém um poeta travestido em ensaísta que resolveu mapear a produção literária contemporânea no sul do Brasil. Um ensaísta, aliás, que se escondia por detrás do entrevistador que, tal como jornalista profissional, lia detalhadamente toda a obra do entrevistado antes de surpreendê-lo, trazendo à conversa detalhes até já esquecidos pelo escritor com quem dialogava/duelava. Um bom duelo, iluminado por chispas de inteligência, graça e profundidade. Desse garimpo extensivo, saíram os três volumes de *Diálogos com a Literatura Brasileira*. Diálogos, aqui, não é simples rótulo nem mera figura de linguagem.

Lembro da brincadeira idiota que fiz com ele quando o conheci, cem anos atrás, e ele se apresentou, mostrando que conhecia um bocado da minha obra de ficção. Disse-lhe que seu nome estava correto, do ponto de vista da origem latina, mas que o sobrenome violava as regras de concordância da língua portuguesa. À ocasião, Marco Vasques já surgia também como contista. Com o tempo, ele se revelou mais: foi de editor do *Ô Catarina!*, jornal cultural de responsabilidade da Fundação Catarinense de Cultura (mas publicado de forma absolutamente irregular, menos durante sua gestão como responsável pelo jornal), a dono, executivo e editor da sua Redoma, versada em — claro — livros de literatura.

Agitado e agitador cultural, passou pela citada FCC, onde, burocraticamente, organizou e administrou alguns editais como o Elisabete Anderle de Incentivo à Cultura e integrou, afiadíssimo e combativo, algumas gestões do Conselho Estadual de Cultura. Pelos tempos da insana pandemia patrocinada pelo coronavírus e, no Brasil, aprofundada por gestores federais irresponsáveis e criminosos, voltou-se à atividade radiofônica com seu programa semanal "Cismos de Arquipélagos", levado "ao ar" na internet, ao vivo, através do Portal Desacato. Tudo isso comprova que o certo, mesmo, era o plural, expresso no seu Vasques.

Lembro também que, num 1º de janeiro destes aí, ele comemorou seus 40 anos na minha casa, em festa que varou o dia.

Do mar que o levou literalmente para sempre, Marco me trazia peixes, que lhe comprava, ora frescos, ora requintadamente preparados por ele, intrépido pescador e valoroso cozinheiro que se mostrava, com especialidade, inclusive, em *paellas* que preparava à vista dos comensais, como convém.

Ele ainda não sabe, mas eu tenho um ambicioso projeto literário que planejava levar adiante com a sua experiência e a sua parceria. Planejava.

Mas vim aqui, perdoem-me, para falar do cronista, só que o espaço se me esvai por entre os dedos, tão múltiplo é o nosso Marco. Um dia, quando havia jornais impressos, e eles chamavam escritores para escrever crônicas, Marco foi um desses. Mas os jornais acabaram, e o Marco foi tratar dos seus assuntos.

[Amilcar Neves, escritor, Florianópolis, SC]

Um encontro para depois – um texto sobre a saudade

André Francisco

Eu tinha um dia certo para ir à casa do meu amigo Marco. Era na quinta-feira, geralmente depois das 15h. Eu chegava, ele fazia um café que eu não tomava (não bebo café) e começávamos a conversar. Os assuntos sempre variavam muito, de acordo com a demanda da semana. A principal pauta, a que sempre fazia parte das conversas, era a luta por políticas públicas em Santa Catarina.

Marco, assim como eu, era ativo nessa briga. Falávamos dos editais atrasados (sempre tem um edital atrasado no estado), sobre os editais que não aconteciam (sempre tem editais que não acontecem, mesmo previstos em lei, no estado), sobre a postura dos governantes, dos artistas, dos gestores, da população em geral, sempre querendo mais adesão, mais participação, mais envolvimento de todos.

Essa primeira pauta sempre esquentava a conversa e daí começávamos a falar sobre nossos trabalhos pessoais, nossas criações artísticas. Trocávamos ideias sobre os processos; ele falava dos projetos que estava fazendo, eu dos trabalhos que estava fazendo. Tanto eu como Marco tínhamos raízes profundas no interior do estado e sempre estávamos envolvidos com trabalhos que transbordavam os limites da capital. Conversávamos sobre os espetáculos com que estávamos envolvidos, dos livros que estávamos editando ou escrevendo, das nossas atividades.

Depois dessas pautas obrigatórias, vinham as pautas mais pessoais. Nesse momento já tínhamos começado a comer qualquer coisa que ele tivesse em casa - às vezes um pão dormido com qualquer coisa ou uma sobra de comida (geralmente um peixe assado ou cozido no dia anterior) que estava ali dando sopa. Já tínhamos transitado do café para o vinho (que eu também não bebia; quem me conhece sabe que não bebo) e já começava a escurecer. Enquanto comíamos, começávamos a falar de novos espetáculos da cidade, da carreira dos artistas e dos nossos dramas pessoais, que iam da falta de grana (assunto recorrente entre artistas e fazedores de cultura, principalmente em Santa Catarina) até problemas com nossos gatos. Madonna essa semana não estava comendo direito ou será que Bertoldo vai se adaptar ao apartamento? Enfim, falávamos como amigos que éramos e nos fortalecíamos como amigos que éramos.

Marco foi uma pessoa muito importante na minha vida nos últimos três, quatro anos em que convivemos – apesar de conhecê-lo há mais de quinze. Além de ser uma pessoa que sempre fortalecia meus processos com comentários e trocas precisas sobre eles, Marco foi o mais indignado agente cultural da cidade quando a Casa Vermelha teve que fechar durante a pandemia.

Lembro-me dele me encontrando no Córrego (Grande, bairro em que morávamos e sigo morando) ainda durante o primeiro ano de pandemia, preocupado com o destino que o espaço iria tomar, se ocupando, como muitas vezes fazia, de problemas que, diretamente, não eram seus. Nisso, sempre me identifiquei com ele. Assumir problemas que ultrapassavam não só nosso limite de alcance, como muitas vezes nossos limites de execução ou solução. Mesmo assim, estava sempre disponível, sempre presente, sempre ativo.

Nos últimos anos, ele foi um grande incentivador do retorno do Centro Cultural Casa Vermelha — além de estimular e ajudar a levantar recursos para fazer ser possível seu retorno, ajudou a construir a proposta do novo espaço onde estamos. Marco dizia que a experiência que a Casa Vermelha proporciona na cidade era única e que ele fazia questão de brigar pelo seu retorno. Foi dele a primeira ideia sobre termos na Casa Vermelha um espaço para a literatura — talvez uma biblioteca comunitária, dizia ele.

Para quem não sabe, ou não é de Florianópolis, a Casa Vermelha é a sede do grupo Teatro em Trâmite, que funcionou na rua Conselheiro Mafra de 2013 a 2020, quando forçosamente teve que fechar durante a pandemia. A Casa

Vermelha é um Ponto de Cultura que promove aulas, cursos, apresentações e eventos culturais, com foco no teatro, mas aberta a outras linguagens. Marco era frequentador assíduo da Casa e posso dizer que foi o espaço que nos aproximou bastante. As conversas que aconteciam na sua casa começaram na minha casa, a Casa Vermelha.

A Casa Vermelha foi retomada em 2024 (agora também com a parceira da Rizoma Projetos Editoriais — editora da qual sou sócio e publicou Marco em duas oportunidades). Marco foi fundamental na sua retomada, abrindo caminhos e incentivando a sua abertura quanto antes. Inclusive, iríamos falar sobre a reabertura da Casa na nossa conversa marcada para quinta-feira do início de dezembro de 2023. Tínhamos achado o imóvel e queria perguntar para ele sua opinião e dividir a ansiedade por todo o processo que se avizinhava. Íamos falar sobre como o imóvel permitia pensar em um espaço destinado à literatura, teríamos o local para abrigar uma biblioteca comunitária e já estava vendo a cara de satisfação que ele faria com essas notícias.

Essa reunião, infelizmente, nunca aconteceu. Durante a semana em que iríamos nos encontrar, cheguei a ir a sua casa algumas vezes, mas não para encontrá-lo, como estava combinado. Fui recolher a Madonna para que ela ficasse na minha casa por um período, (primeiro até o Marco voltar, depois até Denize [Gonzaga] conseguir se organizar para assumir seu cuidado integral), fui ajudar a mesma Denize com algumas coisas que nem lembro mais o que eram — esse período é bastante nebuloso na minha memória, talvez porque misturava uma vontade e uma esperança de que meu amigo retornasse com mais uma história sensacional, com a angústia da falta de informações que ia transformando a esperança em saudade e tristeza.

Marco não voltou do mar. Foi e não voltou. Não adianta dizer aqui quantas vezes falei para ele que sair sozinho para pescar talvez não fosse uma boa ideia, mas ele insistia que era tranquilo e que ele sabia o que estava fazendo (quem o conheceu sabe como era difícil convencê-lo de qualquer coisa que fosse contrária às suas convicções). Insistia para que ele estivesse com outros pescadores, com outras pessoas que pudessem ajudá-lo em qualquer apuro. Mas uma característica do Marco era ser destemido. Não posso reclamar, era uma das características que eu mais admirava nele.

Fica uma grande saudade, um grande vazio. Tive a oportunidade de, como já disse, publicar dois livros de Marco através da minha editora, e ele já me falava de outros tantos que queria publicar conosco. Incentivava-me a ter um selo para falar somente de teatro catarinense e me ajudava a levantar as possibilidades de construir mais esse projeto.

Tínhamos projetos andando e projetos para o futuro. Tínhamos ideias, planos e mais que tudo: esperança de poder contribuir para desfazer o nó da situação política e social em que nos encontramos hoje. Conversávamos muito sobre isso, sobre como precisávamos manter acesa a chama da esperança e mal sabíamos que essa nossa conversa semanal era um dos grandes combustíveis dessa chama.

Essa chama se enfraqueceu um pouco com sua ausência, amigo. Ficou ainda mais difícil mantê-la acesa sem você por perto, sem suas palavras de incentivo e seus planos muitas vezes mirabolantes, mas que sempre resultaram em projetos bonitos e bem cuidados. Tenho tentado manter essa chama acesa dentro de mim e muitas vezes aguardo que você consiga estar ajudando de onde estiver.

Hoje, no espaço da Casa Vermelha, estamos montando a biblioteca comunitária que Marco ajudou a idealizar. Sua provocação, que parecia muito arrojada, virou mais um projeto bonito que estamos tentando cuidar com o carinho que a ideia merece. Além disso, demos à biblioteca seu nome, Biblioteca Comunitária Marco Vasques, e temos uma linda imagem produzida pelo outro grande amigo Bruno Barbi com um busto do Marco para nos acompanhar diariamente.

Foi a maneira que encontrei de te fazer presente, Marco. Te fazer parte — como seguramente és — do nosso projeto de espaço cultural. Te manter aqui, junto conosco, nos fortalecendo para manter de pé, não só o nosso espaço, mas todo o movimento cultural da cidade e do estado. Tenho certeza que segues conosco, enquanto história e saudade.

[André Francisco, ator, poeta, diretor teatral, dramaturgo, editor e gestor cultural. Fundador do *Teatro em Trâmite* de Florianópolis e gestor do Ponto de Cultura Centro Cultural Casa Vermelha, Florianópolis, SC]

Marco Vasques: arte, cultura, comunicação e resistência

Raúl Fitipaildi

Ouvindo, neste preciso momento, *Oblivion*, de Astor Piazzolla, recordei que há um ponto no infinito, lá longe, onde convergem as melhores rapsódias. Viajam sem pausa melodias, composições improvisadas e músicas que falam dos nunca privilegiados, da nossa cultura, do que é, invariavelmente, produto do Nós. Com elas, dançam letras, corpos e pincéis. Surgem poemas, frases, amores fantásticos, gatos notívagos, tragédias cotidianas, pássaros, alaridos, dores e carícias. Um tinto seco, uma taça a meio encher, acompanham a viagem ao sideral da arte como expressão maior do que somos e do que não nos deixam ser.

Por aqui, abaixo, em qualquer esquina, estão as musas libertadas da sua prisão. Andam pelas ruas. Soltas e soltos, soltes, procuram o pão, o abraço, a mão onde guardar sua lágrima e o beijo onde selar seu sorriso. Precisam de um poema que os retrate, um fotógrafo das palavras, um imaginador de outros mundos urgentes. Um homem, talvez, que aperte o punho e o descarregue na vilania dos opressores, onírica e fisicamente, se preciso for. Esse homem transcorria pelas calçadas de Joinville, da Ilha e de onde fosse imprescindível seu passo.

Exposição coletiva "Filhes da Liberdade", Galeria de arte do Mercado, Florianópolis, abr. 2022 / Crédito Sérgio Vignes.

Tive o prazer, através de uma colega, de conhecer e compartilhar espaço com ele no Portal Desacato. Era, é, tão intenso. Tão autobiográfico e tão biógrafo desse povo que amava com doçura ardente, com louca racionalidade. E nele se aglutinavam outros, outras, outres. Da sua língua surgiam; no seu cenário declamavam o incesto primoroso da palavra e do teatro. Mas também dele eram os rugidos para defender sua categoria, empunhando as mais rotundas frases e ações contra a negação da arte, o ocultamento dos trabalhadores da cultura, contra o pântano liberal do divertimento e da estupidez escancarada dos burocratas de turno.

Pelo seu programa noturno, "Cismos de Arquipélagos", nome ou maldita profecia, passaram dezenas de poetas, escritores e escritoras, atrizes e atores, músicos, defensores da Cultura por ele reunidos com candor, inteligência e respeito profundo. Esse homem, narrador do nosso tempo, rigoroso nas críticas, mas nunca cruel, visitava galerias e salas teatrais, casas de cultura, e fez a sua em Desacato. Eram tempos de desafiar a pandemia, de trazer ao pátio virtual da internet a roda da Resistência. Conduzir os guardiões da arte na batalha contra o silêncio. O homem comandante convocava, e a brigada vinha. A noite se iluminava de saberes rumo àquele infinito inaugurado.

Não era improvisado. Era muito planejado, embora recebesse, não poucas vezes, o fruto da improvisação. O mágico poeta, que a malícia do sistema bem gostaria de ter apelidado de escrevedor, no início, no meio ou no fim de cada encontro, esgrimia seus argumentos de luta. Nunca para ostentar a vanguarda. Nem precisava. Doce e aguerrido, sábio impertinente, conceituado e amado, foi navegar ao fundo dos mares para que pudéssemos sonhar com o infinito da arte.

Ainda resistes em nós, Marco Vasques.

[Raúl Fitipaldi, jornalista, cofundador do Portal Desacato e da Cooperativa Comunicacional Sul, Florianópolis, SC].

Saudades do menino da Guaiúba

Nini Beltrame

As caminhadas pelas ruas do bairro Córrego Grande, em Florianópolis, já não são as mesmas para mim. A ausência de Marco cria uma sensação de vazio, uma enorme dificuldade de esquecer a nossa amizade construída pouco a pouco nos últimos 20 anos. Nossos encontros semanais para andarilhar, combinados ou casuais, eram momentos de prolongadas conversas sobre teatro, sobre a sua literatura, sobre as dificuldades para encontrar trabalho como artista e professor, e principalmente sobre as nossas dores e alegrias.

Marco aos nove anos, maio 1983 / Acervo pessoal.

Sua infância vivida "na Guaiúba", como costumávamos mencionar a vila de pescadores no interior de Imbituba, à beira da Lagoa de Imaruí, ocupava bom tempo das nossas conversas. As travessuras, a pescaria aprendida com o avô, nadar na lagoa, a falta de afeto materno, as descobertas da adolescência e, principalmente, o sentimento de infância infeliz eram temas recorrentes.

Com frequência ele manifestava um olhar de insatisfação e de angústia sobre a vida, o interesse em ver além do óbvio, do aparente-visível. Fatos e notícias às vezes despertavam em nós um sentimento de já não cabermos neste mundo, o que nele resultava na imperiosa necessidade de escrever. Lia e escrevia vorazmente. O mundo cada vez mais complicado e perigoso alimentava a sua inconformidade, o desejo de incitar reações, provocar e participar de mudanças. A mediocridade o impacientava. Ao mesmo tempo, inquietude, esperança e afetividade marcavam seu modo de olhar o mundo; por isso profetizava: "Quando no mundo existir arte para todos não haverá mendigos. As fomes estarão saciadas."

Marco era dotado de uma sensibilidade à flor da pele que permeava suas relações pessoais e profissionais; se emocionava ou era tomado por acessos de raiva ao ver um espetáculo mal elaborado. A isso não cabia condescendência. Frequentador assíduo, via tudo o que se apresentava nos palcos da cidade. Lembro-me de encontrá-lo aos prantos na saída do teatro onde acabara de ver mais uma vez um espetáculo do *Grupo Teatro Sim Por Que Não?!!!* Em seguida escreveu a crítica "Livres e Iguais: Teatro Total", publicada on-line na Revista Osíris, em 05/05/2011. Ainda hoje, ao reler esse texto, me emociono. Não por conta das minhas relações com o espetáculo, mas por ver ali o Marco artista-crítico confirmando seus sólidos conhecimentos e uma incomum capacidade de olhar sensivelmente um trabalho teatral. A sua produção escrita é uma valiosa contribuição para compreender o teatro.

Nosso último encontro ocorreu no dia 27/11/2023, durante a Sessão Solene da Academia Catarinense de Letras e Artes - ACLA. Quando manifestei minha surpresa por ele ter voltado a fumar, com a franqueza e a ironia que o caracterizavam, me disse: "Vá lá em casa para ver como a minha vida se transformou num inferno!" Silenciei e lhe dei um abraço. No dia 9 de dezembro, um sábado, o ganancioso mar da Barra da Lagoa o levou. Não devolveu seu corpo, mas a inquietude, irreverência, afetividade e esperança em construir um mundo melhor, sempre vivas no menino "da Guaiúba", estão conosco.

[Nini Beltrame, ator-bonequeiro, marionetista, diretor teatral e professor aposentado da UDESC, Florianópolis, SC]

Sobre *Verde, Amarelo, Azul e Branco*

Marcos Laffin

Marco Vasques foi assim: um sujeito para gostar ou desgostar. Falo particularmente da minha proximidade com a sua existência, desde os idos tempos de Joinville até as águas famintas e encharcadas desta ilha. Esse gostar e o desgostar de Vasques nada guardam o sentido, a preferência ou a referência do significado castrado dos dicionários. Mas assevero que os defensáveis e indefensáveis argumentos vivificam seu modo de pensar e de agir diante dos princípios que organizava a vida e a compreensão do mundo que habitava. Para Vasques, o fato, o ocorrido e até mesmo o pensado se transformavam em força de vida, e a vida carrega um valor ético inquestionável, vida esta que em seu cotidiano constituiu a terra dos seus embates culturais. O gostar e o desgostar habitam no concordar e/ou no discordar de seus argumentos vivenciados e praticados como princípios organizadores da imagem da vida na própria existência. Nessa arena, o brigar e o desbrigar era rotina de uma disciplina para cada um manter suas verdades, suas concepções das coisas neste mundo de terrenalidades. Para gostar é preciso ter convicção dos seus argumentos e referenciais de princípios e, para desgostar, é preciso estar vazio.

Quando o homem passa a ser esquecido? Não tenho resposta certa para essa indissolúvel travessia do tempo. Talvez, fisicamente, quando o último vivente de sua companhia for ao encontro de seu espírito; simbolicamente, quando o esquecimento consumir a memória do próprio tempo.

Tal questão, em aberto, em relação a certas partidas, deriva para o campo da materialidade — alguns aspectos da sua escrita, da sua literatura — nesse espaço que comprime as margens e a vazante das correntes que carregam corpos, mas não de memórias e das formas culturais dos registros da vida.

Em *Verde, Amarelo, Azul e Branco* – ficções-realidade (janeiro 2021), desloca-se uma linguagem-temática da persona *ab experientia hominis ad observationem hominis*. Vasques situa objetivamente o sujeito que trabalha a escrita num confronto com um universo político real e, de tão próximo dessa realidade, a transcende para a ficção. Mas não sejamos ingênuos: a ficção é uma ação genuinamente humana.

Neste livro, tangencia-se a ruptura das estruturas do macro e do microuniverso da vida social, no contexto de fenômenos mundiais, que são sinteticamente pluralizados numa reflexão de personagens que buscam a contrapalavra, mas não a contrapalavra da inconstância do vazio. Nele, a realidade é a metáfora da própria realidade e, nessa perspectiva, as cores, os sons, os cenários, os fatos, os personagens são apresentados numa linguagem suave que confronta diretamente com a essência repelida das vidas ensaiadas. Assim, é possível decifrar em espelhos a existência de vivos que em leve suspiro emitem sentenças como se mortos estivessem. Para Vasques, nesse contingente incontável de coisas-objeto, são "aqueles que ignoram o mundo real".

A morte, como um favor ao descaso, agencia o vivente como morto, ao não voltar à sua casa. Mesmo sendo essa casa um signo aberto, abrangente e acolhedor, é também lugar de exclusão que remete às impossibilidades de dialogar sem argumentos.

Vasques trabalha o chão cru do tema e, nele, espalha as condições de erigir sentidos com significados que busquem a humanidade em construção, nas diferentes perspectivas da emancipação política e democrática da vida social. Brecht e Benjamin iriam dialogar sobre o odor da realidade.

O contexto das personagens se abriga nas suas diferenças com uma possível concessão de clemência: "como acusar" aquele que está distante da realidade coletiva, que apenas tece manhosamente o umbigo dilatado de analfabetismo cultural?

Sua escrita utiliza da linguagem para questionar o movimento da individualidade das personagens, ao mesmo tempo que eles desejam estar inclusos nos benefícios ausentes. É nesse amálgama entre realidade e ficção que o poeta,

como sujeito humano em movimento, traduz imagens, linguística, coerência, enredo e contexto histórico sociorreal.

Ao tematizar o coronavírus como fenômeno real no confronto com a mitificação de ideias, o faz como tese e princípio defensáveis e busca o leitor para um confronto e uma compreensão da sua ficção-realidade. Além disso, o texto, considerados os fatos, não se traduz em sentença; antes insinua a necessária compreensão do rito, da liturgia e depois da primeira expressividade em que a escrita se abre para múltiplas dedicatórias e moradas.

Vasques, em sua corrosiva infinitude de boa-ventura, dedica-se com intencionalidade da escrita e se esforça para comunicar a ideia, a tese e compartilhar os argumentos subjacentes para a compreensão do leitor. Eis aqui a necessidade de repelir o anonimato das ideias e das razões para a disputa nas arenas ideológicas.

Com o livre arbítrio do pensar e do dizer, é possível que a obra de um escritor sejam suas histórias construídas em suas escrituras, às vezes como testamento ou como tapeçarias de rebeldias, em que a vida, objeto de disputa entre a arte e o ato criativo, constitui a interpretação da própria vida, carregada de intencionalidades.

Apesar de palavras aparentemente cruas, as mãos de Vasques explicitam os desafios do desejo de vida igualitária e de condições de emancipação, as quais nunca perdem o idealismo da esperança de um novo viver.

No abrigo da intertextualidade e no convexo da busca de sintonia com outras realidades, talvez "enterrar caixões vazios" — frase do livro em análise — pode indiciar uma máscara para além de enterrar a própria realidade de um contingente de pessoas ao não encontrarem razões que justifiquem as ignorâncias e fazer com que também possamos alongar as despedidas dentro do verso.

As diferentes compreensões das personagens não se distanciam de múltiplas ignorâncias, mas também se acentuam sobre aqueles que são eles próprios os excluídos e que não se percebem nessa margem. Na obra, essa travessia entre ficção e realidade talvez seja a intencionalidade de Vasques em aguçar os discursos dos sujeitos já excluídos que ficam à margem para não tombarem visíveis diante do ódio construído no cotidiano que, ao alimentá-lo e diluí-lo junto aos seus iguais, gera outros medos e desesperos na inglória transferência de um destino inconcluso que se repete no conjunto de outras ignorâncias sociais.

Mas ingenuidade é diferente de ignorância. E não há mística de bondade que escape à fúria das políticas fundamentalistas, tampouco às atitudes, às palavras e aos gestos suaves. Nesse processo não se consegue esconder do ódio que enxerga na bondade uma ameaça: o bem combate o mal, e o mal combate com o mal o bem.

Um núcleo familiar, um contexto social, um símbolo de pátria, valores e esperanças se dissolvem e explodem pelo tangível e invisível fenômeno do coronavírus que não foi ilhado, mas planetário. Esse fenômeno, fundamento e tese de Marco Vasques em *Verde, Amarelo, Azul e Branco*, se distrai da ficção e pousa na realidade do coletivo social.

Vasques tem contribuições múltiplas sobre a área cultural, seja no âmbito do teatro ou da literatura, e sempre participou como um sujeito que interroga a arte, a comunicação, e os fundamentos da escrita, não por mera especulação, mas como um estímulo para o enriquecimento, principalmente pelo acesso e pela produção cultural.

Assim, deixa um espólio de gêneros literários, poemas, contos, crônicas, críticas, biografias, ensaios, memórias, e essas construções estão sedimentadas em sua participação em atividades culturais nas quais foi protagonista como interlocutor que buscava reconstruir em espaço-tempo, com argumento crítico construtivo, os modos de pensar, fazer e financiar os projetos de cultura, afirmando que em todos os espaços existem processos para aprender por meio de análises tanto da comédia quanto da tragédia, na arte e na vida real. Para Vasques, a liberdade e a participação igualitária na dimensão cultural assumia o equilíbrio de argumentos defensáveis, na mesma perspectiva entre realidade e ficção.

Tangenciar as aprendizagens que a escrita e a linguagem de Vasques anunciam e denunciam neste texto requer um percurso de compreensão das filosofias de ignorâncias e das práticas de silêncio que acomodam muitas almas purificadas e, portanto, não se trata de gostar ou de desgostar do sujeito construído por Vasques, mas de olhar compreensões de mundo mais emancipatórias.

Por fim, tão fluido e tangível quanto o tempo, suas construções se ancoravam no mar, como materialidade concreta e abstrata, mas como um amor sagrado e profano, na perspectiva de Agamben, este mesmo mar que ganhou mais voz e poesia, guardando-o para os diálogos nas fissuras meso-oceânicas.

[Marcos Laffin, escritor e acadêmico da
Academia Catarinense de Letras, ocupando
a cadeira 9, Florianópolis, SC]

Ressurgir a cada instante

Valdir Rocha

Toda vez que acessamos o acervo herdado dos que já partiram nós os ressuscitamos por um instante.

Marco Vasques é uma figura intelectual múltipla, isto é, nele estão presentes diversas facetas: poeta, jornalista, diretor e crítico de teatro, agitador cultural, pescador etc. Em alguns períodos mais e em outros menos, seja através de telefonemas ou de e-mails, trocamos ideias, conversamos sobre experiências e coisas da vida.

Ainda estou a ouvi-lo dizer que vai sair para matar uns peixes, ao que eu contesto: não, Marco, você sai para pescar. Tantas vezes repito isso que ele muda o verbo. Raras vezes o vi mudar alguma coisa.

Marco Vasques sempre será uma pessoa absolutamente intensa e radical. Com ele, não há o mais ou menos: tal coisa é tudo ou é nada. Certo ou errado, nada o faz mudar de opinião. Tem a cabeça feitíssima. Suas concepções políticas, por exemplo, não estão por aí para fazer média com ninguém.

Não dá moleza para injustiças, isto é, para aquilo que, segundo as suas regras, não diz com o justo. Marco é parceiro legendário da justiça. E é um cara generoso, muito generoso. São inúmeras as entrevistas empreendidas — ao vivo e por escrito — em que dá voz a escritores, poetas e artistas variados. Esse é um exercício de pura divulgação altruísta. Tem bem o jeito do Marco.

Marco vive muitos desassossegos: sua economia pessoal é turbulenta e muito difícil. O dinheiro curto soma-se a outras necessidades vitais, mas, como costuma dizer, "de fome não morro enquanto puder pescar".

Ainda bem que a poesia está presente na vida do Marco: para ele, escrever poemas é um exercício de fuga e de encontro. O teatro do Marco é válvula de escape ideal para viver outras vidas. O jornalismo abre espaço a encontrar realidades duras e, em casos extremos, adocicar um pouquinho a vida.

Pessoa de muitos ofícios, possivelmente é o de pescador o que mais o satisfaz. Conhece os mistérios das águas e das ondas: sabe quando o mar está e não está para peixes. Os peixes pescados frequentemente complementam a sua renda mínima.

Exposição "Ecoa - recortando a dor", da artista Ana Terra. Sala Lindolf Bell I - Centro Integrado de Cultura (CIC), Florianópolis, mar./abr. 2023 / Crédito Sérgio Vignes.

Marco Vasques continua com sua luta pesada, dura e violenta. Sabe-se que um dia Marco Vasques saiu para pescar. Deve ter encontrado um cardume tão generoso que ainda está a recolhê-lo. Enquanto isso, todos os seus amigos continuam a esperá-lo, bem aparelhados com tanta coisa boa que colocou à nossa disposição.

Viva, Marco Vasques!

[Valdir Rocha, artista plástico, escritor, São Paulo, SP]

Marco Vasques e o encontro com o teatro

Silvestre Ferreira

Peça *Soldados* (grupo *Quê de Teatro*), dirigida por Marco, auditório do Colégio Osvaldo Aranha, Joinville, SC, 1997 / Acervo pessoal.

Eu conheci o Marco nos corredores da Universidade da Região de Joniville - Univille na década de 1990. Ele era um operário da Embraco e estava precisando complementar a renda, porque, sem ela, não iria conseguir fazer o curso de Letras. Eu disse a ele que tinha uma bolsa de teatro.

Ele não tinha nenhuma noção de que a universidade oferecia o curso de teatro e nunca tinha feito teatro na vida, pelo que eu saiba. E achou meio estranho eu ter oferecido a bolsa, mas, curioso, foi verificar. De fato, foi muito rápido o engajamento dele com a área. Ele participou primeiro como técnico de som e foi se apaixonando. Lembro-me bem de quando estreou um espetáculo num galpão de uma igreja. Eu levei flores pra ele na estreia, e ele ficou muito emocionado; me falava de vez em quando sobre isso. Aliás, ele era muito carinhoso e generoso no cotidiano. Quando podia relaxar um pouco, tinha muito amor pra dar.

Eu tenho memória do Marco ainda no começo da carreira como alguém que precisava provar as coisas pras pessoas e tinha uma necessidade de se autoafirmar, mas eu lembro que havia um clima bem leve no trabalho na universidade. Marco teve a oportunidade de trabalhar comigo e com o Lucas David, participou do espetáculo *Se chovesse, vocês estragavam todos*, de autoria de Tânia Pacheco e Clóvis Levy, fazendo uma espécie de um coro. Foi o primeiro espetáculo que ele atuou como ator, em Joinville. Depois se assumiu como diretor no espetáculo *Valsa n. 6*, com atuação da atriz amadora Paula Carina Kornatzk. Havia nele já nesse período uma inquietação. Marco não queria fazer um teatro comum, tanto que foi citado no jornal como *enfant terrible*. Sei que, por esse temperamento, alguns professores não o entendiam; outros, como a professora Taíza Mara Ruen Moraes, o consideravam. Um dos motivos de ser admirado é que, em Joinville, ele teve um papel importante no teatro-escola.

Mas o fato é que o processo de transformação de uma pessoa que desconhecia o teatro para uma pessoa que tinha o teatro como paixão foi muito rápido. Muito porque, ao mesmo tempo que reconhecia as pessoas, fazia um esforço para as pessoas reconhecê-lo também. Muitas vezes de maneira enfática. E em todo esse processo realizado ao longo da vida, mais recentemente, houve uma mudança radical, como crítico também. Marco tecia críticas em blogs e na imprensa local. Em Santa Catarina, o contexto era de certa dificuldade de lidar com a crítica, de discutir o próprio espetáculo. Com o pseudônimo Aline Valim, essa dificuldade piorou de alguma forma, pois suas críticas eram mais contundentes e pesadas. Mas depois Marco compreendeu que ia ser mais ouvido se fosse mais generoso com os fazedores, atores, atrizes e grupos de teatro.

No decorrer dos anos, foi construindo sua carreira no teatro, ao ponto de ter uma importância significativa no registro do teatro catarinense. Ele assistiu a espetáculos durante mais de duas décadas e idealizou e colocou em circulação o *Caixa de Pont[o]* – jornal brasileiro de teatro, uma caixa de memórias do teatro, tanto que podemos considerar que é inviável passar pela história contemporânea do teatro catarinense sem lê-lo e pesquisar o que ele produziu de crítica em jornais do estado. Marco contribuiu muito também ao publicar, com Rubens da Cunha, no livro *Fazer o Teatro*, volumes I e II, entrevistas realizadas com atrizes catarinenses em atuação nas últimas décadas. Ele era um bom perguntador. E pra crítica isto é imprescindível: fazer com que o artista possa se rever. Por tudo isso e por toda a sua contribuição, precisamos retribuir seu empenho e dedicação e pesquisar e publicizar análises e compreensões de sua obra. Espero que seja logo.

[Silvestre Ferreira, diretor, professor, arte-educador, Joinville, SC]

Editor, crítico e pesquisador do teatro catarinense

Afonso N. Souza

Santa Catarina tem um movimento teatral bastante intenso, diversificado e profissional. São dezenas de grupos, artistas e espetáculos que ultrapassam as fronteiras do estado com numerosas participações em alguns dos principais festivais e eventos de artes cênicas do país. De modo inversamente proporcional, a reflexão crítica sobre essa produção é absolutamente pouco abrangente e rara. A existência de profissionais dedicados à crítica, à análise dos espetáculos, e mesmo ao mapeamento historiográfico de artistas e montagens relevantes no panorama, é absolutamente restrito, com raríssimas exceções. Este texto se destina a falar sobre uma dessas exceções, sobre um profissional que, por mais de vinte anos documentou, analisou e escreveu sobre algumas das principais produções teatrais catarinenses, entrevistou centenas de artistas da cena e das letras e, com sua atuação como editor e crítico, foi fundamental para a documentação e difusão do que se produziu em Santa Catarina no período. Estou falando do poeta, editor e crítico de teatro Marco Vasques, que desapareceu no mar em dezembro de 2023.

Filósofo de formação, poeta e contista, mas também profundamente envolvido com o movimento teatral, Vasques foi funcionário da Fundação Catarinense de Cultura no período de 2008 a 2018, quando deixou o cargo para se dedicar integralmente ao doutorado em teatro, que concluiu na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) em 2020. No período em que esteve na fundação, foi responsável por uma das iniciativas mais importantes e relevantes para a historiografia das artes em Santa Catarina e para a difusão da reflexão artística e dos artistas catarinenses. Ele revitalizou e promoveu uma gestão mais democrática e inclusiva d'*Ô Catarina!*, além de digitalizar e disponibilizar on-line todo o acervo dos mais de vinte anos da publicação.

O periódico foi o mais importante suplemento artístico do estado por décadas. Na gestão do escritor Flávio José Cardozo, no início dos anos 2000, a edição teve um novo vigor, produzindo diversos números dedicados às linguagens e artistas em destaque, como os números dedicados às artes visuais, à gravura e ao teatro, bem como o número especial dedicado ao poeta Cruz e Sousa, entre diversos outros. Após a saída do escritor, o suplemento só teve um teve fôlego anos depois, a partir do momento em que Vasques assumiu a direção.

Marco encampou a tarefa de digitalizar o acervo inteiro das edições anteriores e disponibilizá-lo no site da Fundação Catarinense de Cultura, o que possibilitou a ampliação do acesso para pesquisadores e novas gerações interessadas na história das artes em Santa Catarina. Nas 15 edições coordenadas por ele, a diversidade de visões, de artistas, de obras e o pensamento sobre o que se faz artisticamente por novos artistas da capital e do interior se tornou uma constante. Se antes *Ô Catarina!* era um espaço destinado a divulgar e valorizar artistas já com um trajetória consolidada e eventos de grande porte realizados principalmente em Florianópolis, com a gestão de Vasques, esse espaço se ampliou significativamente.

Para ele, eventos do planalto, do oeste, do litoral sul e do norte catarinense estavam em igual parâmetro de importância com o que acontecia na capital. Novos artistas, críticos, filósofos, contistas, poetas e diversos fazedores de cultura do interior de Santa Catarina agora tinham um espaço de representatividade, de inserção no imaginário e na historiografia da produção artística catarinense. É possível que, com a saída do Marco da FCC, e a extinção d'*Ô Catarina!,* que teve apenas poucos números publicados, o *Caixa de Pont[o]* – jornal brasileiro de teatro, uma das únicas publicações impressas distribuídas nacionalmente, tenha se tornado o principal espaço de edição e reflexão escolhido pelo crítico para sua atuação com editor.

Antes de ingressar na Fundação Catarinense de Cultura, Marco já participava ativamente do movimento literário catarinense e nacional. Lançou em sua carreira, de 2002 a 2023, 25 livros nos mais diversos gêneros, entre contos, poesia, entrevistas e crítica de teatro. Foi articulista dos jornais *Diário Catarinense* e *A Notícia* por dez anos, de 2003 a 2013, publicando críticas e artigos sobre teatro e o movimento artístico do estado. Bem articulado, circulava em todos os meios artísticos, o que contribuiu para ele se tornar um excelente entrevistador. Publicou cinco livros de

entrevistas, os três volumes de *Diálogos com a Literatura Brasileira,* de 2004 a 2010, com entrevistas com alguns dos mais relevantes autores do país, com destaque para autores catarinenses e, mais recentemente, em 2022, *Fazer o Teatro*, volumes I e II, por meio do qual, com Rubens da Cunha, entrevistou oito das mais importantes atrizes catarinenses em atuação nas últimas décadas.

Em 2016, Marco Vasques e Rubens da Cunha lançaram *Teatrodentro* – manifestos e críticas teatrais. Em um contexto como o de Santa Catarina, onde o espaço da crítica para espetáculos é praticamente inexistente (divulgação não é crítica), publicar um livro com 74 críticas de espetáculos é um fato preponderante no panorama da documentação e do registro da produção contemporânea do teatro catarinense. Não há nenhuma outra publicação tão abrangente sobre espetáculos locais. Alguns dos textos, sobre espetáculos que circulavam em festivais nacionais, com já outras muitas críticas no contexto nacional dos grandes centros, dão uma visão muito singular de como Marco pensava suas análises, mas esse estudo comparativo, das características mais marcantes de suas análises em comparação com outras críticas, pode ser assunto para outro texto ou pesquisa. O que interessa aqui é que não há na imprensa ou na crítica especializada do país registros de estudos ou reflexões sobre diversos espetáculos que foram muito importantes no contexto catarinense, mas que não alcançaram uma circulação nacional consistente. As críticas de Marco e Rubens são, em muitos casos, os únicos textos de reflexão crítica sobre esses espetáculos e sobre muito da produção catarinense que ficou restrita às circulações regionais, ou mesmo por cidades do interior.

Nesse sentido, voltando a falar do *Caixa de Pont[o]*, acredito que seja uma das ações mais marcantes e significativas, desta vez não apenas no cenário catarinense, realizadas por um crítico e editor catarinense no sentido de valorizar, difundir e refletir sobre a produção teatral brasileira. Isso não só por sua expressiva difusão, tanto em versão digital quanto impressa, mas pela diversidade de análises críticas e estudos de profissionais relevantes no panorama nacional, pela publicação de dramaturgias inéditas e pelas entrevistas com alguns dos profissionais da cena mais representativos do país. A tiragem do jornal, impresso geralmente com ajuda de amigos e recursos próprios, antes da época e difusão de editais como Aldir Blanc e Paulo Gustavo, chegava a 3.000 exemplares por edição, que eram enviados por correio diretamente ao endereço de artistas, fundações culturais, universidades, professores de teatro, atores e atrizes de todo país. Há, sim, no país, alguns sites, blogs e páginas dedicados à crítica teatral, e que prestam um importante serviço para o mapeamento, reflexão e documentação da produção teatral brasileira, mas ainda nenhum veículo impresso dedicado exclusivamente ao fazer teatral, à crítica e à dramaturgia atingiu tanta capilaridade, tanta diversidade de opiniões e saberes de cena nas últimas décadas quanto o *Caixa de Pont[o]*.

Participei como crítico de uma de suas últimas edições, dedicada exclusivamente a 29ª edição do Festival de Teatro Isnard Azevedo, de 2019. A ideia era que cada convidado pudesse escrever sobre um dos espetáculos do festival. O Marco, como editor, sempre participava, com Rubens da Cunha, com uma crítica ou entrevista. Neste número ele escreveu sobre o espetáculo *Pupik - Fuga para 2*, do Grupo Lume. É o último texto crítico que encontrei dele. Em determinado trecho, eles escrevem que o espetáculo, ao reafirmar nossa condição de nômades, "invade nossa condição de pássaro em passagem, de pássaro com voo limitado no tempo e no espaço. É preciso que a transitoriedade do voo se perpetue pelo perfume do canto, pela beleza do voo". Relendo esse trecho, e outros textos que pesquisei para a escrita deste texto, percebo que, mesmo nas críticas mais ácidas, nas diatribes, mesmo nas perguntas repletas de referências eruditas de suas entrevistas, havia sempre um pouco de poesia, da sensível alma de poeta do mar que sempre permeou seus pensamentos, e que muitas vezes se escondia sob sua carapaça de rispidez e austeridade.

O vazio que a atuação de Marco Vasques deixa no panorama da crítica teatral catarinense com seu desaparecimento é notável. Não há mais nenhuma publicação sistemática sobre teatro ou sobre outras linguagens artísticas em atividade no estado. A crítica, atividade que poderia ser desenvolvida com os diversos bacharéis, licenciados, mestres e doutores em teatro que se formam anualmente nas universidades do estado, simplesmente inexiste em contexto mais abrangente e sistemático. Parece que o desaparecimento do poeta no mar também fez submergir uma parte importante da reflexão sobre as artes cênicas, sua difusão e capilaridade no estado. Fica o legado e o trabalho inestimável desse profissional, às vezes tão desvalorizado e até desprezado, mas que foi fundamental para documentação artística e o pensamento crítico sobre o teatro em Santa Catarina.

[Afonso N. Souza, dramaturgo, crítico e professor de teatro, Laranjeiras do Sul, PR]

Rascunho ainda sem título

Chico Faganello

Antes de começar, pensei se deveria consultar aqueles livros do Marco que li e também os que não li, por algumas das infinitas razões que nos levam a ler ou a não ler. Os livros do Marco, os lidos e os não lidos, por respeito ao objeto (vocês leram O *Infinito em um Junco*, de Irene Vallejo?), deixei no sítio, numa estante de madeira escura que foi dos meus pais. Mas não vou ler nada para escrever este texto. Só olhar o tempo e conferir os horários da maré, porque o assunto é pescaria.

Uma pescaria interrompida por personagens e citações, ou, antes de ser pescaria, o motivo para conversarmos sobre livros e personagens bons, e também sobre as personagens ruins, as mortas, as que nunca existiram, ou que andavam ali mesmo, do lado.

MARCO
(Olhando com desprezo)
Tu usa anzol sem empate?
É um cavalo mesmo, se vem peixe
grande, leva tudo!

Espera. Escrever é trabalho. Então, por razões de trabalho, me concentro como um trabalhador responsável das leituras, muitas ruins e apenas necessárias. Também encontro leituras de trabalho muito boas, sobretudo as com notas de rodapé que levam ao antes, quase sempre maior. Mas ler sem obrigação tem vantagem: você escolhe.

Decidido, não precisa ler nada. O Marco também escrevia fácil. Puxava o fio, dos dias de hoje, dos passados ou daqueles que ainda esperava, ou de algo que queria. E falava.

Era um poeta (hermético, que faz a gente sofrer: tenho trauma desse tipo de coisa e nunca disse pra ele, para que não se ofendesse com o fato de eu falar pouco sobre os livros dele; vocês sabem, escritor é bicho complicado).

MARCO
(Com o cigarro na boca)
Por que tu só isca meia manjuva?

CHICO
Porque tenho pouca.

MARCO
Pelamordedeus, pescador sem isca, cada
um que me aparece...

A pescaria funcionava em capítulos desordenados que seguiam e voltavam, e quase tudo escrito ao fim era jogado ao mar, para recomeçar na próxima. E de repente entrava a Lua, ou um pé de vento, ou uma gaivota ladra. De uma pedra, o horizonte. O sol nasce à esquerda, e à direita dorme a Lua.

Ele soube aos poucos que não leio e nem vejo filmes porque alguém diz "tem que ver". Leio o que gosto, como sugere Daniel Pennac, que sabichões consideram fácil demais, mas que eu, ex-professor de crianças e adolescentes, curto. Tem que ser você, o livro e o mundo, na hora certa. E depois de Calvino não tenho mais receio de dizer que não vou ler este ou aquele — pelo menos por enquanto.

MARCO
Já falei, joga lá perto da pedra.
Não adianta jogar ali, ainda mais com esse
chumbo leve...

Sempre tem alguém pra reclamar das citações, sem perceber que também foi vítima daquele livro que começou e não terminou, que comprou e nem abriu, que ganhou e não teve vontade de ler. Paciência. Ter assunto, citar, lembrar, revelar o que gosta ou detesta, é bom pra saúde, estou convencido, como também acredito na superstição do Marco: se levar bananas para o lanche na pescaria, não pega nada. É verdade!

Dividir o seu tempo com alguém para conversar (nunca sobre tudo, nunca sobre o que traz dor e desconforto excessivos, sempre com o respeito a esses limites que ninguém precisou dizer) pode continuar por meses, anos, e pode ser bom, com privilégios — a paisagem, o ar, os

ruídos não contaminados, o distanciamento, levar alguma comida para casa, aprender com a escrita desordenada durante a pescaria.

O silêncio das pescarias. As do anoitecer, da noite alta e as do amanhecer. E esse prazer do tempo e da conversa pode ser recíproco. É bom imaginar que o Marco gostava de mim e me respeitava pela conversa e pela companhia (nunca me levou a sério como pescador).

Sempre tinha um começo, sempre tinha ordem que ninguém sabe se vai funcionar, como em Amos Oz, *E a história começa*, e durante a pescaria tinha até a negação do começo, com aquelas cenas que já deveríamos conhecer, como na *Membrana*, de Jorge Carrión, onde "os começos não existem, mas as tramas precisam muito deles. Tudo sempre acontece ao mesmo tempo, todos os fios são simultâneos e se entrelaçam no caos".

O reencontro no costão era leve. Às vezes poucos e, com o passar do tempo, menos ainda, mas não escapávamos sem um riso ou uma gargalhada, o que pagava a conta do dia. Com a eliminação progressiva do repertório politicamente incorreto, o crítico de teatro e trabalhador da cultura Marco tinha falas mais suaves sobre pessoas do nosso mundo. "Não desejo inferno para ninguém" — essa ou é de Bolaño, ou de personagem dele em Literatura Nazista na América Latina ou Conversas Telefônicas. Não lembro.

Mas agora é isso, a Denize e o Iur pedem que eu escreva sobre nosso amigo Marco, que morreu no mar. É a pauta para a edição derradeira do jornal. Que perigo, escrever um epitáfio. Mas, sabem, não é tão triste assim. Já fiz a última peça de um palco. Em seguida o teatro foi derrubado e veio condomínio de hotel e bancos.

Nos últimos dias, quando inventou de vender anchovas com mostarda e em forma de bolinhos, o Marco vivia mais da pesca do que de outra coisa. Não conheço ser humano de hoje que ganhe a vida com versos livres. O concurso para a universidade nunca vinha. E tivemos aqueles anos recentes nas artes. Melhor não lembrar.

Além deste jornal — descanse em paz, *Caixa de Pont[o]* —, o Marco tinha um projeto, um dicionário de termos de pescaria. Hoje não falamos mais "filme", "livro" ou "quadro", falamos "projeto", nota Olga Tokarczuk em *Escrever é muito perigoso*.

Contei de uma ideia sobre o mar e peixes que há anos comecei, escrevi e não levei adiante. Acontece com frequência nos nossos "projetos", ficamos só no começo, uma pescaria, um tempo, uns textos. Mas não pude contar sobre uma narrativa indígena que ouvi no ano passado onde existe um tempo antes do começo. Eu estava na Amazônia e ele, no mar.

Acho que a Denize e o Iur a essa altura perceberam que não sei o que escrever. E isso ajuda a lembrar do Marco da pescaria: não precisa, não importa. Vai pescar. Se der peixe, tudo bem; se não, pelo menos caminhamos em silêncio e conversamos.

Depois que o Marco sumiu, pesquei poucas vezes. Quem sabe eu não recomeço aquelas anotações antigas sobre o mar e os peixes?

[Chico Faganello, produtor, diretor
e roteirista, Florianópolis, SC]

Costão da Barra da Lagoa, com Moçambique
ao fundo, Florianópolis, SC, jul. 2025 / Crédito Iur Gomez.

Para MAR co

Elaine Sallas

Causo

- desapareceu no mar, se diz.

- que nada, nem foi!

Contavam naquele tempo, na beira do canal da Barra da Lagoa, que sua embarcação havia batido numa laje de pedra ou que tinha perdido o rumo, mar adentro, há pelo menos 220 km da costa norte, outros contam que naufragou.

Sonhei naquela noite com várias noivas que choravam, cantando a mesma cantilena, às vezes reza, às vezes canção.

Contam também que você foi enfeitiçado com sementes mágicas de tomate, que eram cultivadas entre as mentas no fundo do quintal ali nos arredores da Universidade Federal. Mas a verdade é que sua essência era humanamente manual, quase artesania: escrevia bem, apresentava bem, tecia críticas teatrais, criava personagens. Estavas fazendo dramaturgia pesqueira, reclamando, rosnando por vezes. Gargalhava de mau humor e sensibilidade.

"não é nada exuberante não", como diz um amigo seu pescador.

Saudade

Falhei miseravelmente em te esperar...

Pensei que o telefone tocaria, porque era assim sua urgência quando precisava falar.

Aguardei uma mensagem indignada, misturando sua voracidade, um tanto de conhecimento, meias poesias e uma história do passado.

Não encontrei o convite pra cerveja, aquela promessa de sempre.

Não teve noite insone, iguais às de outrora, quando você cismava em tomar umas garrafas de vinho e derivar sobre o próprio eu.

Faltou uma frase malcriada, quando eu discordava de ti, você insistia e eu já não queria ouvir.

Ansiei pela vinda das anchovas, com tempero mágico, que você prometia a todos.

Presumi que passaríamos o ano todo de conversa em conversa até afinarmos o método.

Considerei que esse teu passeio tardaria a causar saudades.

Embruteci de ausências, de vingança, da raiva por ficarmos com os corações cravados nas pedras do porto.

Julguei que você faria uma chamada às vésperas das férias, contando do amor que se foi.

Imaginei que você mandaria uma carta, numa garrafa bonita, fácil de achar, mas com truque pra abrir.

Almejei esquecer todos os dias de você, passaram-se 365.

Acreditei que não ia chorar em nenhum momento, afinal, a gente brigava bem.

Calculei que hoje seria menos difícil, mas nunca fui boa em matemática mesmo.

Suspeitei que seria mais simples pensar em ti, falar de ti, ler o que você escrevia, retomar os seus gostares.

Nada.

Tudo enviesado como você.

Não recolhemos nossos cacos, mas prosseguimos com sonhos.

Soluçamos em silêncio, sem saber o que sentir, como sentir.

Continuamos.

Vamos permanecendo.

Falhando miseravelmente em te esperar.

Que as auroras boreais te iluminem e façam cócegas.

Que o teu reino seja de glória, sal, amor e as belezas que meus olhos jamais viram.

Sandstorm

Carrego eu esses bornais velhos

Garrafas vazias, periódicos, um tanto de livros, tarrafas e cascalhos

Essas tuas asas pra trás que, ao levantar voo, se debatiam com a pressa voraz de quem se liberta da prisão

Logo tu que era peixe

Das suas escotilhas enferrujadas, poli com fios de aço possibilidades, lustrei, lustrei, até que sangrasse os dedos, o vidro do escafandro que mostrava tua face em sorriso

Gostava de ti, como a rede gosta do mar…

Desse medo perene, beirando à loucura

Pensava (penava) eu, entre o libertino e o lascivo

À deriva, da alma-barco, inteligência de molinete, linguagem de fio de nylon, longaaaaa, leveeee. Olhar de anzol tilintando, polido…

A isca?

Nós, atravessados pela presença-ausência do que tu és. Deserto, mar adentro.

[Elaine Sallas, artista, professora, mestre em teatro, presidente da Federação Catarinense de Teatro, Florianópolis, SC]